

SAMOARA VIACELLI

**DESPORTO E
RENDIMENTO ESCOLAR:**

Um olhar crítico sobre relações básicas



SAMOARA VIACELLI

**DESPORTO E
RENDIMENTO ESCOLAR:**

Um olhar crítico sobre relações básicas

Dissertação apresentada à Universidade Estadual
Paulista – UNESP, Câmpus de Marília, para o
obtenção do título de Mestre em Educação (Área de
Concentração: Educação Brasileira).



Orientador: Prof. Dr. José Misael Ferreira do Vale

1410001109

Marília - SP

2000



DADOS CURRICULARES

SAMOARA VIACELLI

NASCIMENTO 30.10.1969 – Passo Fundo/RS

FILIAÇÃO João José Viacelli

Laura Angelina Viacelli

1987/1989 Curso de Graduação em Educação Física

Faculdades Reunidas de Administração, Ciências Contábeis e Econômicas de Palmas – FACEPAL Palmas – PR

1992/1993 Curso de Pós-Graduação em Bases Científicas da Preparação Integral da Natação, nível de Especialização

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Arapongas – FAFICLA – Londrina – PR

1989/1994 Professora de Educação Física em várias escolas da rede estadual de ensino da cidade de Pato Branco – PR, e professora de Natação em vários clubes recreativos do município..

1990–1995 Coordenadora, Professora, e Técnica de Natação na Fundação de Esportes de Pato Branco - FESPATO.

1994/2000 Proprietária, professora de dança de salão e personal trainner da Corpo Academia.

1995/2000 Professora de Educação Física nos curso de 2º e 3º graus no Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – CEFET – Unidade de Pato Branco

1999/2000 Chefe da Seção de Atividades Comunitárias do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – CEFET – Unidade de Pato Branco



À minha família, em especial aos meus pais, João e Laura,
pelo apoio incondicional, não apenas durante a realização
deste trabalho, mas em todos os momentos de minha vida.

Ao meu noivo, Ivandro, pela paciência e entendimento
durante minhas inúmeras ausências.

AGRADECIMENTOS

Ao CEFET, especialmente ao Prof. Roberto Candido, pela oportunidade, pelo incentivo e apoio. Com certeza, a base forte que sustentou este curso;

À Graciela Chamorro que, diante de minha inexperiência, soube orientar meus primeiros passos;

Ao José Misael Ferreira do Vale, que com suavidade conduziu-me firmemente durante esta jornada;

À Joscely Galera, grande incentivadora.

A Luz Delícia e João Alfredo Braida pelo apoio naquilo que eu mais desconhecia.

Às escolas entrevistadas, que abriram suas portas em nome da amizade e da ciência;

Aos diretores, professores, alunos-atletas e ex-atletas entrevistados e funcionários das escolas, que mostraram sua nobreza de caráter ao simplesmente colocarem-se à disposição para ajudar alguém.



“Um educador que não se questiona sobre sua ação
despreza tanto os alunos quanto a cultura.”

Octavi Fullat

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	8
LISTA DE QUADROS	9
RESUMO	11
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - OS ATORES E O CENÁRIO DA PESQUISA	17
O PERCURSO DA PESQUISA	20
CAPÍTULO II - O DESPORTO NA ESCOLA	28
A HISTÓRIA DO DESPORTO NA ESCOLA	28
O DESPORTO NA ESCOLA – ANÁLISE CRÍTICA.....	37
O PENSAMENTO DOS PERSONAGENS DO DESPORTO ESCOLAR.....	41
<i>Objetivos e benefícios</i>	41
Os diretores.....	41
Os técnicos.....	45
Os alunos-atletas.....	49
Os alunos ex-atletas.....	57
<i>Desporto e rendimento escolar</i>	59
Os diretores.....	63
Os técnicos.....	68
Os alunos-atletas.....	71
Os alunos ex-atletas.....	74
CAPÍTULO III - ANÁLISE DE DADOS	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
ANEXOS.....	96
ANEXO A - QUESTIONÁRIO BASE PARA ENTREVISTAS COM DIRETORES.....	97
ANEXO B - QUESTIONÁRIO BASE PARA ENTREVISTAS COM TÉCNICOS.....	98
ANEXO C - QUESTIONÁRIO BASE PARA ENTREVISTAS COM ALUNOS-ATLETAS.....	99
ANEXO D - QUESTIONÁRIO BASE PARA ENTREVISTAS COM ALUNOS EX-ATLETAS.	100
ANEXO E - TOTAL DE NOTAS BIMESTRAIS OBTIDAS ABAIXO DA MÉDIA (TMB) NO PERÍODO E MÉDIA DE CADA GRUPO.	101
ANEXO F – PRINCIPAIS RESULTADOS DA ANÁLISE DE VARIÂNCIA DAS TURMAS PESQUISADAS	105
ANEXO G – FONTES.....	106
ANEXO H - ENTREVISTAS COM DIRETORES - DIRETOR A.....	107
ANEXO I – ENTREVISTAS COM TÉCNICOS - TÉCNICO I	109
ANEXO J – ENTREVISTAS COM ALUNOS-ATLETAS - ALUNO-ATLETA 03 A.....	111
ANEXO L – ENTREVISTAS COM ALUNOS EX-ATLETAS - ALUNO EX-ATLETA 01 Ex A	113
<i>Abstract</i>	115



LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – NÚMERO DE ENTREVISTADOS EM CADA ESCOLA	20
TABELA 2 - NÚMERO DE ALUNOS COM NOTAS COLETADAS, POR TURMA/INSTITUIÇÃO.....	25
TABELA 3 – NÚMERO MÉDIO DE NOTAS BIMESTRAIS BAIXAS DAS TURMAS/INSTITUIÇÕES INVESTIGADAS	26
TABELA 4 - PERCENTUAL DE ALUNOS-ATLETAS EM RELAÇÃO AO NÚMERO TOTAL DE ALUNOS NO ENSINO MÉDIO.	42
TABELA 5 – VALORES MÉDIOS E RESULTADOS AS ANÁLISE DE VARIÂNCIA, PARA COMPARAÇÃO ENTRE ALUNOS-ATLETAS E NÃO-ATLETAS POR TURMA/INSTITUIÇÃO.	77

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - QUAIS SÃO OS OBJETIVOS DA ESCOLA EM RELAÇÃO À FORMAÇÃO DE EQUIPES DESPORTIVAS?	43
QUADRO 2 - QUAIS SÃO OS BENEFÍCIOS QUE AS EQUIPES DESPORTIVAS TRAZEM PARA A ESCOLA? .	44
QUADRO 3 - QUAIS SÃO OS BENEFÍCIOS QUE A PARTICIPAÇÃO NAS EQUIPES DESPORTIVAS TRAZ PARA OS ALUNOS-ATLETAS?	45
QUADRO 4 - QUAIS SÃO OS OBJETIVOS NO TRABALHO COM AS EQUIPES DESPORTIVAS?	46
QUADRO 5 - QUAIS SÃO OS OBJETIVOS DA ESCOLA COM A FORMAÇÃO DE EQUIPES DESPORTIVAS? .	47
QUADRO 6 - QUAIS SÃO OS OBJETIVOS PRINCIPAIS QUE SÃO REPASSADOS PARA OS ALUNOS-ATLETAS?	49
QUADRO 7 - POR QUE PARTICIPA DE EQUIPES DESPORTIVAS?	50
QUADRO 8 - QUAL O MOTIVO QUE O LEVOU A PARTICIPAR DE EQUIPES DESPORTIVAS?	53
QUADRO 9 - QUAIS SÃO OS BENEFÍCIOS DE PARTICIPAR NESTAS EQUIPES?	54
QUADRO 10 - QUAL É O MOTIVO QUE LEVA A ESCOLA A DESENVOLVER UM TRABALHO COM EQUIPES DESPORTIVAS?	55
QUADRO 11 - GOSTAM DE PARTICIPAR DE JOGOS E COMPETIÇÕES? POR QUÊ?.....	56
QUADRO 12 - POR QUE VOCÊ PARTICIPAVA DE EQUIPES DESPORTIVAS?	57
QUADRO 13 - QUAL O MOTIVO QUE O LEVOU A PARTICIPAR DE EQUIPES DESPORTIVAS?	58
QUADRO 14 - POR QUÊ VOCÊ PAROU DE PARTICIPAR DESTAS EQUIPES ?.....	58
QUADRO 15 - DEFINA UM PERFIL DO ALUNO-ATLETA.	67
QUADRO 16 - O QUE VOCÊ DIRIA SOBRE OS ALUNOS-ATLETAS E SEU RENDIMENTO ESCOLAR.	69
QUADRO 17 - DEFINA UM PERFIL DO ALUNO-ATLETA.	70
QUADRO 18 - VOCÊ ACHA QUE A SUA PARTICIPAÇÃO NO ESPORTE AJUDA, ATRAPALHA OU NÃO INFLUENCIA EM SUA VIDA ESCOLAR?	72
QUADRO 19 - COMO ERAM SUAS NOTAS NO PERÍODO QUE PARTICIPAVA DOS TREINAMENTOS? ERAM	

MELHORES, PIORES OU IGUAIS A AGORA QUE NÃO TREINA? 75

QUADRO 20 - EXISTE ALGUMA DIFERENÇA QUANTO AO INTERESSE PELOS ESTUDOS ENTRE O

PERÍODO QUE TREINAVA E AGORA? 77



VIACELLI, S. *Desporto e rendimento escolar: um olhar crítico sobre relações básicas*. Marília, 2000. 114p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Câmpus de Marília, Universidade Estadual Paulista – UNESP.

RESUMO

A prática esportiva tem apresentado na atualidade duas características contraditórias: a utilização do esporte como incentivo aos estudos e o preconceito sofrido por profissionais da área de Educação Física, bem como atletas e pessoas envolvidas com o mundo dos esportes relacionado às suas capacidades intelectuais. Com o objetivo de tentar desvendar a realidade sobre os referidos assuntos, realizou-se a pesquisa em escolas de Ensino Médio, públicas e privadas da cidade de Pato Branco - PR, onde foram realizadas entrevistas com diretores, técnicos e alunos, além de coleta de notas através de registros escolares destes estabelecimentos de ensino. Com as informações obtidas através destas notas, foram realizadas análises estatísticas com o fim de verificar a existência de diferenças significativas entre as notas dos alunos-atletas e não-atletas, caracterizando assim o melhor ou pior rendimento escolar. Os dados obtidos nos permitiram concluir que em 91.7% das turmas estudadas, não existem diferenças significativas. Os objetivos principais da existência de equipes desportivas nas escolas, também foi dado concluído através desta pesquisa. O *marketing* escolar e a projeção profissional dos técnicos foram os objetivos que firmaram-se como sendo os principais.

Palavras-chave: Desporto escolar; Rendimento escolar; Alunos-atletas; Alunos não-atletas.

INTRODUÇÃO

Alguns anos de experiência como atleta, técnica de equipes esportivas e professora de Educação Física em escolas das redes Municipal, Estadual e Federal de ensino, levaram-me a questionamentos a respeito de atividades desportivas¹ desenvolvidas nessas instituições. O desporto na escola é revestido de justificativas como por exemplo, o desenvolvimento integral dos indivíduos, do raciocínio, de lideranças, de espírito competitivo, da capacidade de trabalhar em equipes, melhoria da disposição, etc., ou seja, “mens sana in corpore sano”. Mente sã em corpo são. Apesar disto, muitas pessoas que atuam na área esportiva sofrem a muitos anos com preconceitos relacionados à sua capacidade intelectual. Atletas, professores e técnicos, são considerados, muitas vezes, como pessoas que possuem muito músculo e pouco cérebro. Ora, se os esportes realmente são capazes de promover um desenvolvimento integral, porque as pessoas envolvidas nestas áreas sofrem com a fama de serem “menos inteligentes”? Seriam as pessoas menos aptas a atividades cognitivas que se sentem realizadas e atraídas pelas competições? Seria a própria atividade competitiva que leva ao desestímulo? Ou ainda, seria isto tudo um simples preconceito?

¹ Trataremos aqui dos termos atividades desportivas ou esporte competitivo, como sendo a prática de modalidades esportivas com regulamentação própria, desenvolvidas com o objetivo de melhoria de rendimento, da obtenção de medalhas ou premiações relativas ao desempenho em determinadas competições.



Muitos estudos foram feitos a respeito do desenvolvimento psicomotor através da prática de atividades físicas. Entretanto, existem poucos estudos a respeito da influência dessas atividades em relação à aprendizagem, ao rendimento escolar ou ao desenvolvimento do interesse dos estudantes por atividades escolares caracteristicamente cognitivas. Dificuldade ainda maior, é encontrar estudos nesta linha direcionados à adolescência. Jorge Olímpio BENTO em sua obra *Dialéctica da Educação Física*, aborda superficialmente o assunto dizendo que através da Educação Física é possível se atingir uma "verdadeira educação psicológica" (p. 33) e aponta que

na realidade, os exercícios de cultura física são exercícios de cultura cerebral, de desenvolvimento dos reflexos condicionados, das «praxis»: não visam só formar músculo, mas também cérebro. Portanto toda a higiene da educação física e do desporto pode ser uma educação cerebral de alcance humanístico. (BENTO, 1981, p. 33)

SETTINERI, L., RIES, B. E., TARGA, J. F. (1979), ao tratarem da valorização da Educação Física nas escolas, afirmam que

os educadores e psicólogos enfatizam a importância desta atividade na escola até para melhorar o rendimento nas demais atividades. Talvez tenha havido uma conscientização do *Mens Sana in Corpore Sano* em função da crescente inatividade do ser humano num mundo mecanizado. Parece que a atrofia não seja a única decorrência desta inatividade. Talvez estejam correlacionados a ela os marcantes e crescentes problemas de distúrbios e insanidade psicológica. (p. 79)

Os mesmos autores complementam seu pensamento a respeito da importância da atividade física na escola citando Garrison et al:

o desenvolvimento da capacidade motora é essencial à boa saúde física, mental e emocional. O grau de eficiência que a criança atinge nas várias habilidades afeta-lhe a aprendizagem de padrões complexos de

comportamento, as relações sociais e o êxito na escola".
(p. 98)

Outro aspecto positivo apontado como benefício de atividades esportivas nos espaços escolares, diz respeito ao fato de que na fase da adolescência, os jovens sentem necessidade de inovação, êxito, competição, superação e auto-realização. Abraham Maslow, citado por SETTINERI, L., RIES, B.E., TARGA, J. F., situa nesta fase

as necessidades de *estima*, ou seja, que todo o adolescente quer ser respeitado pelos outros e procura desenvolver um auto-respeito. O adolescente procura provas do respeito dos outros e se entrega a atividades destinadas a conquistá-lo. O desejo de ser famoso, de ser reconhecido como importante, de ser um grande homem, podem ser motivados por esta categoria de necessidades. (SETTINERI, RIES, TARGA, 1979, p. 96)

O esporte, sendo bem explorado, é um dos caminhos que podem levar o adolescente a suprir estas necessidades. Porém, nem todos os estudiosos desta área pensam da mesma forma. Alguns apontam pontos negativos à prática do desporto na escola e afirmam que a competição esportiva, se não for bem orientada, pode empolgar o jovem com tamanha avidez, levando-o a desligar-se de outras atividades, comprometendo assim, sua vida escolar. Outra consequência negativa do desporto durante a adolescência, pode ser quanto ao insucesso na vida esportiva.

A competição ... pode trazer consequências indesejáveis em Educação Física quando leva ao contínuo insucesso, resultando em frustração. E a continuada frustração se manifesta nas mais diversas formas de agressividade. (SETTINERI, RIES, TARGA, 1979, p. 97)

Além dos dois aspectos negativos do desporto escolar apontados, Valter BRACHT ao tratar sobre a presença do esporte nas escolas diz

que

o ensino dos esportes ... enfatiza o respeito incondicional e irrefletido às regras, e dá a estas um caráter estático e inquestionável, o que não leva à reflexão e ao questionamento, mas sim, ao acomodamento. ... o aprender as regras significa reconhecer e aceitar regras pré-fixadas. (1992a, p. 59)

Diante de aspectos positivos e negativos do desporto escolar é que pretendo, num primeiro plano, definir se existem diferenças relevantes entre o rendimento escolar dos alunos-atletas e não-atletas, sem, em nenhum momento, tentar esclarecer se uns são mais, menos ou igualmente inteligente que os outros. Minha hipótese é de que de forma geral, a prática esportiva por si só, não é capaz de influenciar nem positiva, nem negativamente o rendimento escolar dos alunos participantes, a menos que haja uma dedicação maior aos esportes do que aos estudos, decaindo o rendimento escolar, ou, que hajam regras que condicionem a participação do aluno-atleta às notas obtidas, melhorando então o rendimento escolar. É claro que esta análise não é capaz de esgotar um assunto tão polêmico como a existência do esporte na escola, nem seria esta minha pretensão. O objetivo sim, é começar a descortinar um preconceito que denigre não só o profissional da área da Educação Física, mas também todas as pessoas envolvidas com esportes.

Os objetivos desta pesquisa, porém, não se esgotam no rendimento escolar dos alunos-atletas. O verdadeiro sentido das atividades desportivas nas escolas e as expectativas de cada um dos envolvidos, também são estudadas com o intuito de identificar os fatores motivadores e, em alguns

momentos desmotivadores destas atividades. Enfim, esta pesquisa trata propriamente de um diagnóstico e não de uma proposta sobre o desporto escolar.

Em sua apresentação, a presente pesquisa é desenvolvida no formato de três capítulos sendo o primeiro, destinado a esmiuçar toda a caminhada da pesquisa em si: a metodologia de pesquisa, as técnicas utilizadas e a forma de análise. No segundo capítulo, “O Desporto na escola”, realizei uma rápida viagem pela história do esporte escolar no Brasil e uma análise do valor do esporte competitivo na formação de jovens e crianças, na visão de vários autores. Ainda no segundo capítulo é feito um relato dos dados obtidos através das entrevistas e coleta de notas. As informações coletadas nas entrevistas são apresentadas em dois grandes grupos: opiniões sobre os benefícios e objetivos do desporto escolar; opiniões sobre rendimento escolar e desporto. Finalizando este capítulo, são apresentados os resultados das análises estatísticas realizadas com as notas dos alunos atletas e não-atletas.

No terceiro capítulo, com a análise dos dados, procurei captar informações que estão ocultas nas entrelinhas e traçar relações entre os depoimentos dos entrevistados. Para a finalização da pesquisa algumas páginas são dedicadas às considerações finais do trabalho.



CAPÍTULO I

OS ATORES E O CENÁRIO DA PESQUISA

Tendo como objetivo primeiro o de explorar alguns aspectos do desporto escolar especificamente na cidade de Pato Branco – PR, tomei como ponto de partida para determinar as escolas a serem entrevistadas, aquelas que mantinham, em 1998, o Ensino Médio. Em segundo plano, selecionei destas escolas, as que tiveram inscrições nos Jogos Escolares (Fase Municipal) no ano de 1998, equipes classe A, ou seja, que possuíam equipes desportivas formadas por alunos na faixa etária de 15 a 17 anos. Esta primeira etapa foi realizada no ano de 1998, objetivamente para a elaboração de um artigo para avaliação de disciplina do curso de Mestrado, mas, tendo já em mente a utilização desta coleta de dados como pesquisa piloto para a atual dissertação. Neste período foram entrevistados diretores e técnicos de duas escolas da rede pública.

No ano de 1999, quando iniciei as entrevistas destinadas unicamente à presente pesquisa, um critério novo para a seleção das escolas entrevistadas surgiu: nas unidades da rede estadual de ensino a distribuição de Aulas Especializadas de Atividades Desportivas que eram oferecidas dentro do Programa Jogos Escolares do Paraná deixaram de ser distribuídas. Em consequência, nenhuma destas escolas manteve as equipes desportivas naquela faixa etária. Este fato reduziu para quatro o número de instituições que

mantiveram equipes desportivas classe A. Uma delas da rede pública de ensino (designada como escola A) e três instituições privadas (designadas respectivamente como B, C e D). Quanto às escolas onde foram realizadas entrevistas com diretores e técnicos esportivos no ano de 1998, estas também foram utilizadas na presente pesquisa (escolas E e F). Esta inclusão foi devido ao fato de que, mesmo não havendo equipes no ano de 1999, estes diretores e técnicos experienciaram a formação de equipes desportivas em suas escolas, tendo, portanto, suas opiniões fundamentadas em fatos reais.

Os técnicos entrevistados foram aqueles que ministravam treinamentos às equipes de alunos do Ensino Médio, ou seja, “classe A”². A intenção inicial foi de entrevistar todos os técnicos, mas, dificuldades relacionadas a tempo e desencontros devido aos horários de aulas e treinamentos, acabaram excluindo alguns técnicos da pesquisa. Além deste fator, após a transcrição e análise das falas dos primeiros técnicos entrevistados, pode-se perceber que as respostas eram muito semelhantes, não havendo muitas divergências de idéias. Este fato levou à conclusão de que seria desnecessária a realização de entrevistas com mais técnicos. O período de realização de todas as entrevistas foi de 05 de maio de 1998 até onze de dezembro de 1999.

Os alunos entrevistados foram selecionados através de três critérios:

1. Ser “aluno-atleta” da escola: aluno participante das equipes desportivas da

² É a forma utilizada para determinar o grupo de alunos que participam em jogos com faixa etária de 14 a 16 anos.



escola, sem considerar o número de horas de treinamento ou a prática de atividades físicas em outras instituições. Esta atitude foi tomada buscando analisar o rendimento escolar dos alunos participantes das equipes desportivas pelo simples fato deles se disporem à este tipo de atividade, ou seja, disporem-se a participar dos treinamentos e de competições.

2. Ser aluno “ex-atleta” da escola: aluno que participou dos treinamentos durante o ano de 1998 e interrompeu estas atividades no ano de 1999.
3. Ser aluno das turmas determinadas como amostra para a presente pesquisa.

As turmas a serem analisadas foram determinadas por dois fatores: o turno e o ano. Todas as turmas eram do turno da manhã devido à inexistência de Ensino Médio nas escolas pesquisadas no período da tarde, e ao fato de que alunos que estudam à noite, em grande parte trabalham durante o dia, não podendo assim participarem dos treinamentos desportivos. Quanto ao ano, o objetivo era entrevistar todos os alunos-atletas e ex-atletas do terceiro ano, ou seja, do último ano do Ensino Médio, pelo fato destes terem uma experiência em geral de dois anos de aulas, treinamentos e jogos. Porém, algumas particularidades surgiram em cada instituição de ensino.

Na escola A, foram entrevistados os alunos do terceiro e quarto ano dos cursos existentes, porque, nesta instituição de ensino, o quarto ano era opcional aos alunos. Nas escolas determinadas como B e D, foram entrevistados os alunos do segundo ano do Ensino Médio. Isto ocorreu devido ao fato de que alunos do terceiro ano (terceirão), não fazem aulas de Educação Física nem participam de treinamentos, e também, por não ser permitido entrevistar estes

alunos durante os períodos de aula. Com isto, o contato com os alunos do “terceirão” tornou-se difícil, inviabilizando assim, a realização das entrevistas. Com a escola C, também foram entrevistados os alunos do segundo ano, pois o terceiro ano seria implantado no ano seguinte.

Em seguida, apresento quadros demonstrativos do número de entrevistados em cada escola e do número de total de entrevistados.

Tabela 1 – Número de entrevistados em cada escola

ESCOLA	Diretores	Técnicos	Alunos-atletas	Alunos ex-atletas	Turmas
ESCOLA A	1	3	15	10	6
ESCOLA B	1	3	15	5	3
ESCOLA C	1	3	6	1	1
ESCOLA D	1	0	10	0	2
ESCOLA E	1	0	0	0	0
ESCOLA F	1	1	0	0	0
TOTAL	6	10	46	16	12

O Percurso da Pesquisa

Ao realizar-se uma pesquisa de cunho social, onde não se busca somente o dado quantitativo, mas sim a realidade social, os métodos chamados tradicionais, conforme DEMO (1995, p. 231), não refletem esta realidade. Por estarem enraizados na rigidez metodológica acabam por descartar fatos da realidade não mensuráveis, porém essenciais em uma análise de cunho social. O método quantitativo está baseado fundamentalmente no empirismo, no positivismo, onde se busca mensurar e quantificar. Em pesquisa social é possível,

e muitas vezes necessário, mensurar e quantificar, porém, o fator complicador, seria levar em consideração somente dados mensuráveis ou quantificáveis, deixando de lado uma análise além dos números apontados. Uma análise das “entrelinhas”, considerando influências externas sobre o resultado é fundamental em pesquisas que envolvem práticas sociais. “Uma análise da compreensão do sentido dos atos e das decisões dos atores sociais” (CHIZZOTTI, 1998, p. 78) surge como necessidade metodológica básica.

Quanto ao tipo de investigação, foi realizado(a): a) estudo exploratório no sentido de se fazer um aprofundamento em uma realidade específica; b) a descrição da realidade observada baseada na exploração feita; c) a análise de todos os dados a partir do conjunto de informações.

Para iniciar o processo de exploração da realidade, em primeiro plano foi realizada revisão bibliográfica das principais obras existentes que tratam de assuntos relevantes à presente pesquisa. As obras foram coletadas em bibliotecas de faculdades e universidades brasileiras ou ainda em acervos particulares. Grande parte da localização das obras nas bibliotecas, foi efetuada através da Internet. Este meio de pesquisa facilitou a coleta de material bibliográfico, evitando despesas com deslocamento.

A análise da bibliografia disponível foi empreendida como o objetivo de conhecer e aprofundar os estudos realizados nesta linha de pesquisa, pois, conforme MARCONI e LAKATOS,

a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. (1990, p. 66)

Além disto, uma revisão bibliográfica é de grande utilidade, pois é aí, nos livros, revistas, artigos, etc., que está registrado grande parte do conhecimento produzido pelo homem. Desprezar estas informações seria regredir no tempo toda vez que se buscasse atingir o novo. Se não respeitarmos o conhecimento já produzido teríamos que a todo momento reinventar o mundo.

Por se tratar de pesquisa em primeiro plano exploratória, e em segundo, descritiva, foi necessário coletar dados que permitissem analisar mais a fundo a realidade em questão. Para a obtenção de informações, foram realizadas entrevistas, num formato denominado por GIL (1994, p. 117) como estruturadas, tendo como ponto de partida um formulário de perguntas prefixadas. Foram coletadas, também, informações em registros escolares fornecidos pelas secretarias de cada escola.

Passo agora à descrição mais detalhada de cada etapa da elaboração da pesquisa.

Ainda no ano de 1998, como dito anteriormente, foi elaborado um questionário piloto para as entrevistas. Nesta oportunidade, foram entrevistados diretores(as) e técnicos de equipes desportivas de escolas da rede pública da cidade de Pato Branco. As entrevistas tiveram como meta principal, esclarecer qual seria o principal objetivo da criação de equipes desportivas nas escolas, na visão da direção e dos professores de Educação Física responsáveis pelas equipes. Com estas primeiras entrevistas foram identificados dois fatores importantes: o número excessivo de perguntas e a extrema importância do registro da entrevista em fita cassete, seguido de transcrição da mesma para posterior

análise. Para cada grupo de entrevistados, diretores, técnicos, alunos-atletas e ex-atletas, houve particularidades que serão descritas a partir deste ponto.

A principal dificuldade encontrada nas entrevistas com os diretores foi a falta de disponibilidade destes para se realizar a entrevista, o que não significou falta de vontade ou desatenção. Ao contrário, todos os diretores mostraram-se dispostos a conceder uma entrevista, encontrando-se, porém, dificuldades para se definir o horário para sua realização. O local de entrevista dos diretores foi invariavelmente as respectivas escolas durante o turno de trabalho. A relação das perguntas feitas a estes entrevistados estão apresentadas no Anexo A.

O local das entrevistas com os técnicos das equipes desportivas teve grande variação, indo desde a quadra esportiva durante aulas ou treinamentos até a residência do entrevistado em horários fora do expediente de trabalho. Após as primeiras entrevistas com os técnicos, também foram eliminadas algumas perguntas do formulário percebidas como desnecessárias. No Anexo B, pode ser encontrado o formulário final destinado aos técnicos das equipes desportivas.

Com os alunos-atletas e ex-atletas houve também uma experiência inicial com as entrevistas, que originou modificações na técnica a ser utilizada. A princípio, os alunos-atletas e ex-atletas seriam entrevistados em grupo, com o objetivo de obter informações sobre suas opiniões de forma abrangente, refletindo o pensamento do grupo e não um pensamento individual. Sob esta forma de pensar foram realizadas três entrevistas com grupos de alunos-atletas reunidos por turma. Foi observado que alguns alunos manifestavam suas opiniões claramente e outros, não manifestavam, ou deixavam-se influenciar pelos

primeiros. Houve também situações em que se geraram discussões, falando várias pessoas ao mesmo tempo, fazendo com que no momento da transcrição dos dados não fosse possível entender o que se havia registrado na fita cassete³.

Após esta experiência, as entrevistas foram realizadas individualmente. Apesar da mudança de técnica durante a realização das entrevistas, o formulário utilizado nas duas situações permaneceu o mesmo (Anexos C e D).

As entrevistas dos alunos foram realizadas, em sua totalidade, dentro das escolas. O que variou, foi como os alunos eram convidados a participar da entrevista. Na escola A e C, foi solicitado pela entrevistadora, em cada turma, que os alunos-atletas e ex-atletas apresentassem-se em um determinado local previamente designado, para concederem uma entrevista. Na escola B, as entrevistas foram realizadas durante as aulas de Educação Física, sendo os alunos-atletas indicados pelo professor da turma. Na escola D, os alunos foram convidados pela Orientadora Educacional a dirigirem-se à sala de orientação para a realização da entrevista. Em nenhuma das escolas os alunos foram obrigados a conceder entrevistas, ficando a critério de cada um esta escolha. As entrevistas não tiveram uma ordem pré-estabelecida para a realização. Conforme surgiam as oportunidades, eram entrevistados diretores, técnicos e alunos.

Todas as entrevistas foram gravadas em fita cassete e posteriormente transcritas. A transcrição foi feita para que fosse possível destacar

³ Estas entrevistas não foram consideradas na presente pesquisa, mas, estes alunos-atletas entrevistados em grupo, são considerados, tendo sido coletadas suas notas nos registros escolares e, portanto, incluídos nas análises estatísticas.



as principais opiniões buscando-se palavras ou expressões chaves no texto. Com as principais idéias destacadas, foram formadas planilhas onde as opiniões repetidas eram assinaladas, somando-se umas as outras. Ao final deste processo obteve-se o número de vezes que determinada opinião havia sido manifestada.

Foi realizada também, coleta de dados em registros escolares fornecidos pela secretaria de cada escola, das doze turmas pesquisadas (Tabela 2). Destas, foram coletadas as notas bimestrais dos alunos-atletas e não-atletas de cada turma no período de 1998 até o término do terceiro bimestre de 1999. Cada turma foi dividida em dois grupos: os alunos-atletas, e não-atletas. O número de estudantes de cada grupo foi determinado pelo número de alunos-atletas daquela turma, ou seja, se em determinada turma havia 10 alunos-atletas, foram selecionados também 10 alunos não-atletas para fazerem parte da amostra⁴.

Tabela 2 - Número de alunos com notas coletadas, por turma/instituição.

Turma/instituição	Número de alunos	
	Atletas	Não-atletas
1-A	8	8
2-A	3	3
3-A	7	7
4-A	6	6
5-A	3	3
6-A	7	7
7-B	7	7
8-B	6	6
9-B	4	4
10-C	5	5
11-D	4	4
12-D	5	5
Total	65	65

⁴ Estes, invariavelmente em maior número, foram selecionados através de sorteio para fazerem parte da amostra.

Após este trabalho, para cada aluno da amostra foram contados o número total de notas bimestrais obtidas abaixo da média (TNB) durante o período determinado para a pesquisa. A partir da soma dos TNB's dos elementos do grupo, foi calculada a média de cada grupo, como é demonstrado na Tabela 3.

Tabela 3 – Número médio de notas bimestrais baixas das turmas/instituições investigadas

Turma/instituição	Número médio de notas baixas	
	Atletas	Não-atletas
1-A	11,25	18,50
2-A	11,00	19,67
3-A	16,14	8,71
4-A	25,33	31,00
5-A	10,33	28,33
6-A	11,25	26,57
7-B	12,00	14,00
8-B	2,50	6,50
9-B	0,00	7,50
10-C	4,20	12,00
11-D	13,25	3,50
12-D	14,20	5,20

* Tabelas com o TMB de cada aluno são apresentadas no Anexo E.

No conjunto de alunos estudados, o número de notas baixas obtidas pelo grupo de alunos-atletas ou não-atletas pode variar por diversos fatores não considerados na presente investigação. Entre eles estão a capacidade individual de aprendizagem, a ajuda ou problemas familiares, a saúde, entre outros. Para responder se a diferença de notas ocorreu ao acaso ou não, deve-se submeter os dados a um teste de hipóteses. Nestes testes

as hipóteses feitas pelos pesquisadores são transformadas, pelos estatísticos, em hipóteses estatísticas, para que possam ser submetidas aos testes. ... Existem sempre duas hipóteses em teste. ... A primeira hipótese é denominada de **hipótese de nulidade** e a segunda é denominada **hipótese**

alternativa. ... Para decidir por uma das hipóteses – isto é, para decidir se as médias na população [da amostra] são, ou não são, iguais – o pesquisador submete os dados de sua amostra a um **teste de hipóteses**. (VIEIRA, 1989, p. 44)

Estes, permitem estabelecer se a diferença entre as médias obtidas, estatisticamente, existe ou não. Apesar de, em uma turma, a média de notas baixas ter sido superior no grupo dos alunos não-atletas, se fossem analisados fatores aqui não estudados, as médias entre os dois grupos poderiam ser iguais (hipótese de nulidade). Através dos resultados dos testes de hipóteses, é possível afirmar se a hipótese de nulidade é aceita ou rejeitada. “É o que os estatísticos denominam **nível de significância** do teste (probabilidade de rejeitar a hipótese alternativa quando a hipótese de nulidade é verdadeira).” (VIEIRA, 1989, p. 44) Na presente pesquisa, o teste de hipóteses utilizado foi o de análise da variância.

A comparação das notas bimestrais foram efetuadas somente entre alunos da mesma turma e não entre as turmas, devido ao fato de existirem variações entre os dados, como por exemplo: diferenças na média bimestral exigida em cada escola, número de disciplinas, disciplinas diferentes, professores, etc. Estas discrepâncias podem produzir diferenças no rendimento escolar.

CAPÍTULO II

O DESPORTO NA ESCOLA

O presente capítulo pretende, através dos dados coletados durante a pesquisa, demonstrar fatos, pensamentos e atitudes determinantes para a forma de desenvolvimento de atividades esportivas no meio escolar, que muitas vezes estão obscuros aos próprios olhos daqueles que fazem existir estas atividades na escola. Para isto, é traçado um breve caminho pela história do desporto escolar no Brasil e feita a descrição dos dados coletados através das entrevistas. Destes dados, destacam-se o pensamento dos *atores do cenário do desporto escolar* em relação aos objetivos e aos benefícios da prática desportiva para os alunos e para a escola, e as opiniões destes *atores* sobre desporto e rendimento escolar. Finalizando, são demonstradas as análises feitas a partir das notas obtidas pelos alunos-atletas e não-atletas selecionados para a pesquisa.

A História do desporto na escola

Apesar de ser um assunto bastante interessante, para se falar de desporto inserido no meio escolar, considero dispensável uma abordagem sobre as origens do esporte nas civilizações antigas. Isso porque, o presente estudo não

pretende analisar as origens do esporte, e sim, deter sua atenção no desporto que acontece hoje dentro das escolas em sua forma mais técnica, voltada ao rendimento e à superação de marcas, aplicado em aulas especializadas em forma de treinamentos específicos. Para tanto, é necessário retornar ao início do século XX, quando a Educação Física e os esportes começaram a ser introduzidos nas escolas brasileiras.

Ao longo deste século a Educação Física no Brasil passou por muitos momentos de transição que mudaram o rumo, a prática e os objetivos da disciplina. Foram várias as tendências pedagógicas pelas quais a Educação Física transitou, as quais foram denominadas diferentemente por vários estudiosos. Neste estudo utilizarei a classificação feita por GHIRALDELLI JÚNIOR (1991, 15-6). Para o autor, as principais tendências da disciplina são: a) Educação Física Higienista (até 1930); b) Educação Física Militarista (1930-1945); c) Educação Física Pedagógicista (1941-1964); d) Educação Física Competitivista (após 1964); e) Educação Física Popular⁵. Estas tendências vêm, desde meados dos anos 10, orientando os objetivos em relação às atividades esportivas realizadas nas escolas.

É interessante ressaltar que as tendências educacionais nunca foram desenvolvidas autonomamente, como se os profissionais da área quisessem simplesmente mudar o rumo da disciplina. Todas as mudanças, tiveram influência direta da situação política e social vigente do país. Apesar do esporte oferecer a imagem de neutralidade, ele foi utilizado também dentro das escolas para atender

5 Estas tendências, apesar de estarem aparentemente delimitadas como se fossem épocas distintas, nunca foram estanques. Os objetivos de cada uma das tendências mesclavam-se, sendo impossível determinar exatamente o início e o fim de uma ou outra tendência.



os interesses da classe social dominante.

No início do século, com a industrialização do país, a vida em comunidade começou a sofrer modificações devido ao modo de vida no sistema capitalista. Os trabalhadores precisavam ser saudáveis para oferecer uma boa força produtiva. Precisavam também, adquirir hábitos de higiene para convivência em grupo dentro das fábricas e para evitar doenças infecciosas providas de condições precárias de moradia e de saneamento básico. Os liberais, através da Educação Física Higienista, acreditaram ser este um caminho para se *imunizar* a população. Nas escolas, as aulas de Educação Física eram direcionadas para a preparação física dos alunos e para a melhoria do condicionamento físico, tendo como principal objetivo, a saúde das pessoas trabalhadoras. Nesta perspectiva a Educação Física vislumbrava a possibilidade e a necessidade de resolver o problema da saúde pública pela educação (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p. 1). Com uma população saudável, haveria uma diminuição dos gastos e das preocupações com a saúde pública brasileira.

Os valores das classes dominantes que foram bastante disseminados nessa época, e que encontram-se presentes na atualidade, são os padrões estéticos de beleza física impostos pela mídia, colocados como sendo o padrão ideal de saúde e vigor. Estes são buscados em nossos dias nas academias de ginástica, no culto ao corpo esteticamente perfeito e na preocupação com a preservação da saúde.

A Tendência Militarista era uma concepção que visava “impor a toda a sociedade padrões de comportamento estereotipados, frutos da conduta



disciplinar própria ao regime de caserna” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p. 18). Com o modelo da ginástica militar vinda da Europa, a valorização do respeito à autoridade, a obediência, a bravura e a coragem tiveram seus áureos tempos nesta tendência que buscava na escola o cidadão guerreiro, capaz de obedecer cegamente e de travar lutas heróicas pela sua pátria. A Educação Física colaborou para a seleção dos melhores e mais fortes para a distribuição das atividades sociais e profissionais, facilitando a formação de uma elite condutora. (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p. 18). Este tipo de pensamento pode ser observado também nas empresas brasileiras onde, conforme Lúcia BRUNO (1997, p. 29), até os anos 40 na administração das empresas, “procurava-se a padronização do desempenho humano e a rotinização das tarefas, para evitar a variabilidade das decisões e dos comportamentos individuais”.

No período pós-guerra, como crítica ao sistema autoritário, as idéias militares foram substituídas e a Educação Física acompanhou a tendência educacional da Escola Nova, começando a tomar um rumo onde seu valor era reconhecido pela sua capacidade educativa, capaz de auxiliar na formação de um cidadão integral. Era o Período Pedagogicista.

A ginástica, a dança, o desporto, etc., são meios de educação do alunado. São instrumentos capazes de levar a juventude a aceitar as regras de convívio democrático e de preparar as novas gerações para o altruísmo, o culto a riquezas nacionais etc. (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p. 19)

Pregavam-se as aulas livres, onde o conteúdo a ser aplicado vinha de encontro com o interesse dos alunos. O professor atuava como um facilitador procurando encaminhar os alunos para novas descobertas. Durante este

período, o Brasil recebeu muitas influências, principalmente dos Estados Unidos a respeito de sua organização desportiva. Começa então a se formar aquele que seria o período mais marcante da Educação Física: o Competitivista.

Este tinha como meta o desenvolvimento econômico e, para isso, necessitava de uma população marcada pela eficiência. Por isso, a Educação Física, em tal contexto, passa a ter como princípio a performance, construída pela técnica. Este saber tecnicista invadiu o espaço escolar, contribuindo para uma prática não democratizada desse espaço, pois ela mesma se fez seletiva, acrítica e descompromissada com a clientela concreta que compõe a escola pública. (PARANÁ, 1994, p. 7-8)

Nesta época valorizou-se muito o científico, o positivo, o comprovável, o mensurável. Houve grande desenvolvimento, dentro da área esportiva de pesquisas específicas em Fisiologia do Esforço, Treinamento Desportivo, Biomecânica, etc. O objetivo principal das aulas de Educação Física era formar um grande número de atletas capazes de trazer medalhas olímpicas para o país. O esporte espetáculo funcionaria como um analgésico para a população descontente com o regime cada vez mais opressivo. Se as pessoas estivessem envolvidas com atividades esportivas, assistindo-as ou praticando-as, estariam centralizando suas energias, diminuindo a agressividade dos trabalhadores e dificultando a formação de grupos com idéias contrárias às do governo.

O governo militar investiu nessa disciplina em função de diretrizes pautadas no nacionalismo, na integração (entre os Estados) e na segurança nacionais, objetivando tanto a formação de um exército composto por uma juventude forte e saudável como a desmobilização das forças políticas oposicionistas. As atividades esportivas também foram consideradas importantes na melhoria da força de trabalho para o “milagre econômico brasileiro”. Nesse período, estreitaram-se os vínculos entre esporte e nacionalismo. Um bom exemplo é o uso que se fez da campanha da seleção brasileira de futebol, na Copa do

Mundo de 1970. (BRASIL, 1998, p. 21)

Equipes nacionais que se apresentavam fortes, habilidosas, e vencedoras eram um modelo de perseverança e incutiam na população que o sucesso destas equipes era o reflexo da sociedade brasileira, sentindo-se então a população, realizada com suas equipes nacionais e, conseqüentemente, com seu país. Daí a necessidade do país buscar talentos atléticos em sua principal fonte: a escola.

Atletas de alta competição estimulam ... a criação de um orgulho nacional, a ser necessariamente orientado no sentido de constituir uma motivação para um cada vez maior dispêndio de energia por parte de todos os cidadãos, nas suas actividades profissionais e sociais em geral, como forma de correspondência à função social prestigiante dos atletas de alta competição. (ARAÚJO, 1980, p. 21)

De lá para cá, o aperfeiçoamento de movimentos e a busca de ótimas performances esportivas tornaram-se fatos comuns, apresentando-se desde então como um dos principais objetivos a serem atingidos nas quadras escolares.

As idéias disseminadas durante o período Competitivista tornaram-se senso comum e podemos percebê-las claramente, quando ao conversar com uma professora de Educação Física, tratando sobre o porquê da montagem de equipes desportivas na escola onde trabalha; esta relatou que nunca tinha parado para pensar no assunto “Todos os bons professores montam equipes em suas escolas”. Montar equipes é um fato considerado tão “normal” que realmente muitos professores nunca fizeram uma análise sobre os seus objetivos.

No Paraná, no início de 1992, a Superintendência de Educação em busca de um diagnóstico das escolas do estado, solicitou aos chefes de Núcleos Regionais de Educação que indicassem duas escolas consideradas

destaque pela comunidade, para fazerem parte de um dossiê, onde se pudesse demonstrar o trabalho realizado no cotidiano destas escolas. No total, foram indicadas 53 escolas, e o resultado destes dossiês, no que tange a Educação Física, diz o seguinte:

As escolas apresentam sempre suas equipes de competições esportivas, troféus e diplomas conquistados. Quanto aos conteúdos de ginástica, dança, jogo e esporte, somente este último está presente nos dossiês. Quando aparece a dança, ela consta na disciplina de Educação Artística somente ou como atividade extra-classe. (PARANÁ, 1992, p. 25)

Quanto à tendência Popular, GHIRALDELLI JÚNIOR (1991) considera que esta “se sustenta quase que exclusivamente numa ‘teorização’ transmitida oralmente entre as gerações de trabalhadores deste país” (p. 21). Na Educação Física Popular não se buscam medalhas, nem nacionalismo e nem atividades analgésicas para a população, mas procura-se desenvolver a solidariedade, a cooperação, atividades lúdicas, jogos, brincadeiras, ginástica e também o desporto, como uma forma de cultura do país que deve ser conhecida, respeitada, mas sem fins de rendimento.

Atualmente, a Educação Física no plano teórico, está inserida dentro da tendência educacional histórico-crítica, que tem como objetivo principal, a integração do educando numa perspectiva histórica, onde ele perceba o sistema social no qual está inserido e seja capaz de organizar o seu pensamento neste contexto. Na prática, porém, o que se percebe é uma miscelânea das tendências educacionais passadas. A prática realizada nas escolas é repleta de momentos matizados por todas as tendências, sendo ainda a mais presente, a Competitivista.



A influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola. Isso indica a subordinação da Educação Física aos códigos/sentido da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional. Esses códigos podem ser resumidos em: princípios de rendimento atlético/desportivo, comparação de rendimento, competição, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas etc. (BRASIL, 1999, p. 67)

Este fato pode ser observado claramente na maioria dos currículos das aulas de Educação Física e na existência dos treinamentos desportivos⁶ no meio escolar.

A respeito do valor do esporte competitivo diante da formação de jovens e crianças, existem questionamentos de vários autores. Há muitos comentários e idéias diferentes. As opiniões são diversas e vão desde o apoio à existência do desporto na escola até posicionamentos favoráveis à completa extinção deste nas quadras escolares. De forma geral, os autores que tecem críticas à presença do desporto na escola, defendem que não devemos extingui-lo, porém questionam a existência do esporte elitizado no meio escolar.

O principal equívoco histórico do entendimento do esporte-educação é a sua percepção como um ramo do esporte-performance, ou de rendimento. Nesta percepção equivocada, as competições escolares, que deveriam ter um sentido educativo, em vez disto, simplesmente reproduzem as competições de alto nível, com todas as suas características, inclusive com seus vícios, deformando qualquer conceito de educação. (TUBINO, 1992, p. 31)

Quanto aos que apoiam a presença do desporto na escola, estes o fazem considerando-o muito mais benéfico aos alunos do que o jogo lúdico.

⁶ Aulas especializadas em determinadas modalidades esportivas, aplicadas como atividades extra-classe, onde são montadas equipes desportivas com objetivo de rendimento e aperfeiçoamento



O jogo lúdico não tem conteúdo cultural, constitui atrativo do lazer destinado à matança do tempo ocioso. A capacidade lúdica entrega-se ao divertimento inconseqüente e a atividade desportiva à competição em que o desportista procura vencer para marcar pontos festejados publicamente, com repercussão duradoura fora da vida doméstica. (LYRA FILHO, 1983, p. 59)

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação

Física é fundamental que o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e as lutas sejam utilizados como

instrumentos de comunicação, expressão de sentimentos e emoções, de lazer e de manutenção e melhoria da saúde". ... Embora sejam uma fonte de informações, não podem transformar-se em meta a ser almejada pela escola, como se fossem fins em si mesmos. (BRASIL, 1998, p. 29)

Esta indicação provém de críticas ao desporto escolar, não só de autores brasileiros, mas também de educadores de outros países que igualmente buscam alternativas para superar estas questões. (BRASIL, 1999, p. 67) Apesar de desaconselhar o desporto com *fim em si mesmo*, os PCN's apoiam a formação de equipes desportivas especializadas destacando que "no caso de equipes representativas, este espaço poderá estar garantido através de atividades extra-curriculares, permitindo que os maiores interessados desfrutem de momentos a eles reservados".(p.74) Este posicionamento parece ser contraditório. Num primeiro momento, são apontados como negativos aspectos fundamentais do desporto: a competição, a regulamentação rígida, o sucesso no esporte como sinônimo de vitória e a comparação de rendimento. Em seguida, abre-se um espaço para o desporto na forma de atividades extra-classe: o que antes era

técnico.

condenado passa agora a ser permitido para que alguns alunos possam *desfrutá-lo*. Os aspectos negativos do desporto na escola não deixarão de existir por tratar-se de atividades extra-curriculares e não de aulas de Educação Física. Parece que a preocupação com as possíveis seqüelas deixadas pelo desporto, deixam de ser tão preocupantes: tem seus aspectos negativos, mas, se não for durante as aulas de Educação Física, ou se atingir somente alguns alunos não há problemas

O desporto na escola – análise crítica

Ensinar o esporte não é de maneira nenhuma um problema. Porém, não tem sido utilizado como recreação, como espaço para a ludicidade, espontaneidade, solidariedade etc. Os ensinamentos nesta área são fortemente matizados pela busca de rendimento e aperfeiçoamento técnico⁷. Nesta busca, acabamos herdando também do “esporte performance”, a rigidez e a disciplina rigorosa que acaba sendo confundida com a seriedade com que deve ser tratada a Educação Física.

Seriedade confundida com desprazer; seriedade sinônimo de aceitação do que é imposto, sem discussão, sem reflexão, apenas para caminhar na ordem estabelecida. (MOREIRA, 1995, p. 22)

Comportar-se *muito bem*, sem brincadeiras, obedecendo as regras (senão o árbitro marca falta). Este hábito de obedecer regras torna-se algo

7 Não que isto não seja positivo pois reconhecemos que sem esse objetivo não haveria tantos recordes e nem estudos na área da medicina desportiva e da biomecânica teriam se desenvolvido.

tão natural que, muitas vezes em sua vida adulta, este indivíduo nem cogita a hipótese de haver outra alternativa senão aquela que já foi ditada por alguém, anteriormente. O que acontece neste momento é o que SAVIANI chama de aquisição do *habitus* ou “segunda natureza” (1992, p. 28). O aluno desportista, ao buscar a perfeição em sua atuação na equipe, tende a obedecer naturalmente a um dos fundamentos essenciais do jogo, que é a obediência às regras. Conforme HUIZINGA,

todo jogo tem suas regras. ... As regras de todos os jogos são absolutas e não permitem discussão. ... O jogador que desrespeita as regras do jogo é um “desmancha-prazeres”. ... O desmancha-prazeres destrói o mundo mágico, portanto, é um covarde e precisa ser expulso. (1996, p. 14-5)

Durante os treinamentos, o aluno-atleta, aos poucos, assimila e internaliza: o respeito às regras para não ser um “desmancha prazeres” e não ser expulso do jogo. Então a prática de obediência às regras acaba se tornando tão natural, que o praticante nem “sequer consegue imaginar-se desprovido desta característica”. (SAVIANI, 1992, p. 28) Nesse sentido, o esporte vem de encontro aos interesses da classe dominante que, através da escola, procura *socializar* os atletas, fazendo perpetuar seus costumes e valores⁸.

O papel fundamental do ensino do jogo na escola é a transmissão das regras do jogo; estas repassam as regras do sistema da ordem e a hierarquia social. (NEGRINE, 1990, p. 8)

O mesmo autor também considera que o método de ensino utilizado pelos professores de Educação Física que buscam a racionalização do

⁸ É necessário lembrar que atribuo aqui ao termo *socialização* o que BRACHT considera como “o processo de transmissão dos comportamentos socialmente esperados” pela classe dominante (1992b, p. 74).

trabalho, a eficiência e a imitação prestigiosa

é o método mais eficaz de conservar os valores sociais impostos. Na medida em que o modelo é inculcado, mesmo após cessar a ação pedagógica, ele permanece de forma eficiente mantendo a ordem social 'vinculada'. (NEGRINE, 1990, p. 8)

Por que os professores ainda continuam, sob a influência da Pedagogia Competitivista, trabalhando nestes moldes? Por que participar de competições? Por que apresentar rendimento?

Valter BRACH (1995, p. 2-3), ao tratar da apropriação da Educação Física pelo esporte aponta dois indicativos: o fato dos melhores professores serem considerados aqueles que são os melhores técnicos e, que as direções de colégios e a sociedade em geral valorizam mais os professores que obtêm sucesso nos campeonatos escolares. Este pensamento certamente é “fruto de um contexto histórico que quis levar o país à categoria de nação desenvolvida às custas de seus sucessos no campo dos esportes”. (BRASIL, 1999, p. 74)

O rendimento esportivo é para a sociedade sinônimo de eficiência, disciplina, responsabilidade e organização. Estas qualidades fazem parte dos quesitos básicos que alunos e familiares buscam ao escolher uma escola. Por isso, a formação de equipes desportivas de destaque dentro da instituição de ensino, busca inspirar confiança nos familiares e também nos futuros alunos. O esporte é colocado como uma forma barata de divulgação, capaz de projetar a escola em nível municipal, regional, estadual e até nacional, levando muitos alunos a escolherem determinada instituição de ensino para realizarem suas matrículas, levando em consideração a existência de equipes desportivas de destaque.

Neste sentido, é fator comum a pressão exercida sobre muitos professores, para que inscrevam seus alunos em campeonatos interestaduais, com a intenção de divulgar o nome da instituição. (BRASIL, 1999, p. 74)

O pensamento de que o técnico, consciente ou inconscientemente, acaba optando pela busca de resultados esportivos é também afirmado por MEDINA, quando diz que o profissional de Educação Física ao buscar um mercado de trabalho, procura assumir o papel que lhe é cobrado pela sociedade.

Formado o profissional – ou mesmo antes de completar seu curso – vai como professor ou técnico em busca de mercado. E, encontrando o seu lugar, procura desempenhar fielmente a função técnica que dele se cobra. Procura dar exatamente aquilo que se pede a ele. Este é um traço do perfil generalizado do profissional da Educação Física no Brasil. (1985, p. 34)

E, na busca de prestar exatamente aquilo que lhe é cobrado, o professor de Educação Física ensina ações talvez contraditórias: obedecer regras x lutar pelos seus objetivos; companheirismo x concorrência⁹; lealdade x ações ilícitas¹⁰; espírito esportivo x agressividade. Nas palavras de MOREIRA,

para a sociedade que valoriza a competição, o individualismo, a 'filosofia' de que o certo é levar vantagem, o esporte objetivado pelos indivíduos dessa sociedade terá conotação dogmática, onde o lema será vencer ou morrer. (1995, p. 19)

Conforme DURKHEIM, (1970, p. 37) “de que serviria imaginar uma educação que levasse à morte a sociedade que a praticasse?”

⁹ Como exemplo: a disputa pela posição nas equipes; a disputa por ser titular ou reserva; a disputa para ser o capitão da equipe, etc.

¹⁰ O *doping*; as malandragens de jogo como bater, trancar, cotoveladas, etc.; inscrições ilegais em competições (o conhecido *xuncho*).

O pensamento dos personagens do desporto escolar

Existem vários personagens que compõem a história do desporto na escola. Seus objetivos variam conforme a visão de cada um. Por este motivo não é uma tarefa fácil tentar definir quais são os principais motivos que sustentam na realidade o desporto na escola. Conforme SANTIM, para se entender o homem, o corpo do homem (e também, porque não, o esporte praticado pelo homem), temos que partir sempre de um paradigma. Este paradigma depende do embasamento teórico e da filosofia de mundo que as pessoas têm.

Ninguém consegue olhar uma paisagem de nenhum lugar, ou de todos os lugares. Ela será sempre visualizada a partir de um lugar determinado. O paradigma faz parte deste lugar, ou melhor, ele é este lugar situado. (SANTIM, 1987, p. 18)

Parto agora, baseada nas entrevistas realizadas, para a descrição do modo de pensar de diretores, técnicos, alunos-atletas e ex-atletas respectivamente, sobre vários aspectos do desporto escolar.

Objetivos e benefícios

Os diretores

Mesmo sendo pequeno o número de diretores entrevistados (somente 6), foi grande o número de objetivos apontados como sendo os principais da escola ao se manter equipes desportivas. O mais apontado (três vezes) foi a integração entre os alunos. Esta, conforme relato dos diretores,



significa além do entrosamento entre os colegas que participam do treinamento, o envolvimento destes alunos com os colegas não-atletas, chamando para assistir competições e para fazer torcidas, e um melhor relacionamento dos alunos-atletas com a própria escola.

O objetivo mais importante é a interação maior do aluno com a escola. Ele passa a viver mais a escola, a ter um relacionamento maior com a escola além dos bancos da sala de aula. (Diretor A)

O Diretor E, ao tratar também dos objetivos da escola com as equipes desportivas, relatou que um de seus anseios em relação aos alunos-atletas é o envolvimento destes com outras escolas ou clubes durante as competições, fazendo com

que eles se integrem a outras comunidades, com outras escolas, com outros alunos e que eles tenham conhecimento do que acontece a nível de cidade, de município, de região.

Apesar do principal objetivo apontado ser a integração através do esporte, cabe observar que o número de atletas participantes em cada equipe girou em torno de 10 alunos, um número considerado pequeno em relação ao número total de alunos da maioria das escolas.

Tabela 4 - Percentual de alunos-atletas em relação ao número total de alunos no Ensino Médio.

Escola	N. total de alunos no ensino médio	N. aprox. de alunos-atletas do ensino médio	% aprox. de alunos-atletas
ESCOLA A	792	69	8.71 %
ESCOLA B	447	75	16.70 %
ESCOLA C	100	45	45.00 %
ESCOLA D	263	36	13.68 %

Conforme a tabela apresentada, pode-se perceber que com



exceção da Escola C, as outras apresentaram um percentual de participação bastante baixo. Sendo a integração um fato onde se pressuponha a participação de um grande número de pessoas, este objetivo com certeza não deve estar sendo atingido satisfatoriamente nestas escolas.

Em segundo lugar, ficaram objetivos como: a) oportunidade de se desenvolver talentos esportivos¹¹; b) lazer; c) desenvolvimento físico; d) promoção da escola através do desporto¹². Os objetivos que foram citados somente uma vez pelos diretores entrevistados foram: a) o desenvolvimento do espírito competitivo nos alunos-atletas; b) o espírito de equipe; c) a auto promoção¹³; d) oportunidade de desviar a atenção dos alunos de atividades consideradas prejudiciais como, por exemplo, o uso de drogas.

Quadro 1 - Quais são os objetivos da escola em relação à formação de equipes desportivas?

Objetivos fornecidos pelos diretores	N. de vezes que o objetivo foi expresso
1. Integração	3
2. Desenvolvimento de talentos esportivos	2
3. Lazer	2
4. Desenvolvimento físico	2
5. Divulgação / promoção da escola	2
6. Desenvolvimento de espírito competitivo	1
7. Desenvolvimento de espírito de equipe	1
8. Auto promoção dos alunos	1
9. Desviar a atenção dos alunos de atividades consideradas prejudiciais	1

Número de diretores entrevistados – 06

¹¹ Estimular o surgimento de atletas no meio escolar.

¹² Entendendo-se promoção, como divulgação do trabalho realizado pela escola com o objetivo de aumentar o número de alunos na escola.

¹³ Oportunidade dos alunos projetarem-se como destaque no meio escolar.



Foi também solicitado aos diretores que respondessem quais seriam os principais benefícios que o desporto traz respectivamente à escola e aos alunos (Quadros 2 e 3). Com estes questionamentos tentou-se captar quais são os benefícios realmente sentidos pela direção da escola com o desenvolvimento das equipes desportivas.

Cinco, dos seis diretores, falaram claramente que a divulgação da escola seria um dos benefícios para ela. Somente um diretor não deixou claro, mas, subentendido este objetivo com a seguinte afirmação a respeito dos alunos-atletas: “são um verdadeiro *marketing* ambulante da escola não só na camiseta mas no coração” (Diretor B). Outros benefícios citados (somente por dois diretores) foram: a) a integração dos alunos-atletas com alunos não-atletas; b) o desvio de pensamento dos alunos para atividades não prejudiciais. Os benefícios apontados somente uma vez foram: a) a união entre os alunos-atletas; b) a alegria que os atletas trazem para a escola através de sua vivacidade; c) melhorias no rendimento escolar devido às exigências exercidas sobre estes alunos.

Quadro 2 - Quais são os benefícios que as equipes desportivas trazem para a escola?

Benefícios apontados pelos diretores	N. de vezes que o objetivo foi expresso
1. Divulgação / promoção da escola	5
2. Integração com outros alunos	2
3. Desviar a atenção dos alunos de atividades consideradas prejudiciais	2
4. União entre os alunos-atletas	1
5. Alegria para a escola	1
6. Melhoria no rendimento escolar devido às cobranças	1

Número de diretores entrevistados – 06



Em relação à benefícios aos alunos-atletas apontados pelos diretores, estes tiveram uma variação muito grande e, os mais apontados (por três diretores), foram: a) a formação da personalidade¹⁴; b) o fato dos alunos atletas “irem bem em tudo” devido às cobranças e exigências impostas sobre eles para poderem permanecer na equipe: “se não tiver notas boas, não joga”¹⁵.

Quadro 3 - Quais são os benefícios que a participação nas equipes desportivas traz para os alunos-atletas?

Benefícios apontados pelos diretores	N. de vezes que o benefício foi expresso
1. Formação da personalidade	3
2. Praticando esportes o aluno “vai bem em tudo” (devido a exigências)	3
3. Auto-promoção	2
4. Melhorias na saúde física	2
5. Aprender a trabalhar em equipe	2
6. Melhorias no relacionamento com as outras pessoas	2
7. Produz uma sensação de bem estar	1
8. Desenvolvimento de espírito competitivo	1
9. Aprender a respeitar outras pessoas	1
10. Aumento da auto-estima	1
11. Formação esportiva	1
12. Desenvolvimento de espírito de liderança	1

Número de diretores entrevistados – 06

Os técnicos

Passo agora à descrição das falas dos técnicos, que demonstram claramente a influência da Tendência Competitivista. O principal objetivo dos professores com as equipes desportivas apresentou-se como sendo a montagem de

¹⁴ ou seja, desenvolvimento de caráter ou qualidades pessoais.

¹⁵ Ao que me parece, o último benefício apontado mais parece um instrumento de negociação, um toma lá, dá cá, do que propriamente um benefício.

equipes com fins de rendimento técnico e de apresentação de resultados (Quadro 4) como mostram as palavras de alguns deles.

Olha, as competições que tem. Jogos Escolares, Jogos da Juventude e campeonatos que porventura a gente seja convidado. Procuramos fazer um trabalho que tenha um rendimento na parte técnica e parte psicológica também do atleta, sem esquecer que ele é um aluno também na escola. E, a gente visa as competições para ganhar. (Técnico 1)

...fazer atletas mesmo, fazer atletas para competições de alto nível...(Técnico 3)

Participar de campeonatos com rendimento. Trabalhar o voleibol não só na questão de ir e se divertir, mas, rendimento mesmo. É cobrado bastante. (Técnico 5)

É preparar uma equipe de, se não for de excelente nível técnico, de ótimo nível técnico, preparação psicológica, condições de formar uma equipe vencedora. (Técnico 7)

Quadro 4 - Quais são os objetivos no trabalho com as equipes desportivas?

Objetivos fornecidos pelos técnicos	N. de vezes que o objetivo foi expresso
1. Participar de competições com fins de rendimento	7
2. Formar atletas	3
3. Participar de competições	2
4. Divulgação da escola	1
5. Implementação da saúde dos alunos ¹⁶	1
6. Promoção de atividades extra classe	1
7. Aperfeiçoamento técnico	1

Número de técnicos entrevistados – 10

Por que participar de competições? Por que apresentar rendimento? Com as declarações dos professores pode-se observar basicamente dois motivos: divulgação da escola e reconhecimento profissional.

Conforme a declaração do Técnico 6, o objetivo das montagem das equipes e da participação destas em campeonatos é

¹⁶ Melhoria na saúde física através da prática de atividades físicas.



fazer com que a escola seja reconhecida municipal e estadualmente, porque o esporte é um marketing muito barato. A nossa escola vai ser reconhecida a nível de Paraná por uma modalidade esportiva forte. Com uma equipe boa o nome da escola vai se sobressair no estado, com isso o nome da escola vai aparecer em todo o estado do Paraná e até em nível de Brasil. (Técnico 6)

O Técnico determinado nesta pesquisa como 3, também considerou que

hoje o esporte está muito ligado, infelizmente o esporte nas escolas e até em certos clubes este tipo de coisa, está muito ligado à *marketing*, está muito ligado à imagem. Estão esquecendo um pouquinho aquela outra parte, aquele outro lado que teria que ser o esporte, aquele negócio saudável, aquela qualidade de vida, aquele tipo de coisa. Então ficando deste lado de imagem, de *marketing*, o clube, a escola, ele usa o esporte para poder ser uma vitrine para o colégio. E se esta vitrine, este esporte, esta equipe estiver rendendo, estiver ganhando ou... o colégio ou o clube, acham que aquilo ali você está trazendo benefícios para a escola. Então os técnicos, os professores, se sentem forçados a trazer bons resultados, entendeu? A tirar tudo que você pode deles o mais rápido possível, por que você sabe que a vida de um atleta escolar tem vida curta.

Nas palavras do mesmo técnico, o esporte não é utilizado somente como um *marketing* da Instituição de Ensino; também “pode servir de passaporte para o teu reconhecimento profissional”.

Quadro 5 - Quais são os objetivos da escola com a formação de equipes desportivas?

Objetivos fornecidos pelos técnicos	N. de vezes que o objetivo foi expresso
1. Divulgação da escola	6
2. Incentivo à atividades extra curriculares	1

Numero de técnicos que responderam a esta pergunta: 7

A respeito dos objetivos da escola com a montagem de equipes desportivas, não foi feita um pergunta específica durante as entrevistas; nas

entrelinhas das respostas, a maioria dos professores relatou que aspectos ligados à divulgação da escola é um dos fatores motivadores da existência das equipes desportivas nestas escolas. Estas informações podem ser observadas no Quadro 5.

Quanto aos objetivos da montagem de equipes desportivas que são repassados aos alunos, o objetivo mais citado (cinco vezes) foi a participação em competições com fins de rendimento técnico. A busca da vitória no jogo.

O objetivo é adquirir um máximo de experiência e adquirir um ritmo de jogo para vencer uma competição. Quando se fala em atleta, se fala em rendimento, e no Brasil não existe vice campeonato, tem que ser campeão. Este é o objetivo. Infelizmente. (Técnico 2)

... eu não sei, posso estar falando uma coisa errada para você, mas o meu modo de pensar ... eu tiro um pouquinho daquele ditado: "o importante não é vencer, é competir". Eu acho que tem que buscar vencer. Você tem que saber aplaudir o adversário, você tem que saber levantar a cabeça. Só que eu acho que o importante é procurar vencer. ... [Com] o pessoal que está começando é aquela parte mais recreativa. Ha, ganhou, legal, valeu. Perdeu, jóia, beleza, participou. Mas entra num estágio que você tem que colocar, sabe, porque senão vai ser mais uma participação e infelizmente a cobrança vai ser muito grande. (Técnico 3)

O objetivo principal é se classificar bem nas competições. Jogos escolares, federação e outros que aparecerem. (Técnico 6)

Dos três técnicos que afirmaram que o objetivo repassado aos alunos é o simples fato de participar nas competições sem priorizar o vencer (item 2 do Quadro 6), é importante destacar que um dos técnicos declarantes deste item "deixa escapar" o seguinte comentário:

Primeira coisa, a gente tem o objetivo na escola de não mostrar muito para eles que o nosso objetivo... desculpa... A gente procura passar da seguinte forma: nosso objetivo primeiro não é formar uma equipe que vá para os jogos só para ganhar. O primeiro objetivo da escola é ter uma equipe para participar das competições que o colégio é convidado. (Técnico 8)

Percebe-se explicitamente nesta declaração que os verdadeiros motivos da manutenção de equipes desportivas nesta escola são diferentes daqueles repassados aos alunos. O mesmo acontece na declaração do técnico 3 que, mesmo indicando a participação em competições com fins de rendimento como sendo o objetivo repassado aos alunos-atletas, ao ser questionado sobre este assunto, deu um grande sorriso, senão uma gargalhada, e, após a ponderação da entrevistadora de que as vezes pode ser diferente, respondeu ironicamente: “com certeza”.

Quadro 6 - Quais são os objetivos principais que são repassados para os alunos-atletas?

Objetivos fornecidos pelos técnicos	N. de vezes que o objetivo foi expresso
1. Participar de competições com fins de rendimento (sem citar o motivos – 2; com o objetivo de divulgar a escola – 2; com o objetivo de ser “descoberto” por técnicos de grandes equipes - 1)	5
2. Participar de competições pelo simples fato de participar. O objetivo maior é a dedicação. O importante não é vencer, é competir.	3
3. Desenvolver o coleguismo entre os alunos-atletas.	1
4. Comportamento / disciplina / formação integral.	1
5. Busca do aperfeiçoamento técnico sem salientar a participação em competições.	1
6. Os objetivos não são repassados aos alunos	1

Número de técnicos entrevistados – 10

Os alunos-atletas

Nas entrevistas com os alunos-atletas, foram formuladas três perguntas: porque você participa de equipes desportivas?, qual o motivo que o levou a participar de equipes desportivas?, e, quais são os benefícios de participar



nas equipes desportivas? Esta formulação foi feita com o intuito identificar a expectativa do aluno em relação à equipe.

O motivo mais apontado para a participação nas equipes foi o gosto pelo jogo, pelo esporte, ou ainda por determinada modalidade esportiva¹⁷. Dos 46 alunos-atletas entrevistados, 36 declararam que o motivo que os levou a participar destas equipes foi o gosto pelos esportes ou por uma modalidade específica. Destes, 31 citaram outros motivos, além de simplesmente gostar de esporte. Cinco alunos-atletas porém, limitaram-se a responder simplesmente:

Por que eu gosto. Não sei como te explicar. Gosto.
Gosto de jogar, não gosto de ficar parado. É por isso,
porque eu gosto. (Aluno-atleta 12-A)

Quadro 7 - Por que participa de equipes desportivas?

Motivos apontados pelos alunos	N. de vezes que o motivo foi expresso				
	Escolas				Total
	A	B	C	D	
1. Gosto pela modalidade / gosto por esportes	12	14	4	6	36
2. Saúde / cuidar do corpo / estética / movimentar-se ¹⁸	5	6	5	5	21
3. Busca de auto-afirmação	7	1	0	1	9
4. Viajar / conhecer novos lugares / conhecer novas cidades	3	3	2	0	8
5. Fazer novas amizades / conhecer pessoas	3	4	0	1	8
6. Lazer / diversão / liberar o estresse / festas	3	2	0	3	8
7. Atividade extra / sentir-se útil	0	3	0	2	5
8. Espírito de equipe	1	1	1	0	3
9. Prazer em competir	2	1	0	0	3
10. Oportunidade de auto-avaliação	1	1	0	0	2
11. Desconto / bolsa de estudos na escola	0	0	0	2	2

Número de alunos-atletas entrevistados – 46

HUIZINGA, em sua obra Homo Ludens, explica este fascínio dizendo que

¹⁷ Gostar é aqui entendido conforme a definição presente em FERREIRA (1977? p. 242): sentir prazer, julgar bom, aprovar.
¹⁸ Apesar de estética não ter o mesmo significado de “saúde” ou de “movimentar-se”, foram colocados na mesma categoria por referirem-se às atenções dispensadas ao corpo.



a intensidade do jogo e seu poder de fascinação não podem ser explicados por análises biológicas. E, contudo é nessa intensidade, nessa fascinação, nessa capacidade de excitar que reside a própria essência e a característica primordial do jogo. (1996, p. 5)

Este fascínio pelo jogo pode ser percebido no depoimento dos alunos-atletas 25-B e 37-C

Eu gosto de jogar. Não sei dizer porque, é uma paixão.

...e também porque o esporte para mim é tudo. Eu deixaria até os estudos pelo esporte.

O segundo motivo mais apontado pelos alunos-atletas relaciona-se às atenções dispensadas ao corpo e aos benefícios da atividade física em relação à saúde, estética e bem estar. Apesar disto, os alunos demonstraram ter uma *certa consciência* sobre a influência da prática esportiva em aspectos de estética e de saúde física e mental. Digo uma *certa consciência*, pois as respostas não demonstravam segurança suficiente. Muitas delas sugeriram que o esporte faz bem para a saúde, para o corpo e para a mente, mas de uma forma muito subjetiva, como que respondidas através de um chavão: “esporte é bom”, “faz bem para o corpo, para a cabeça”. Alguns alunos-atletas relataram que estes seriam um dos benefícios a serem atingidos com os esportes, porém, pelo número escasso de treinamentos ou até mesmo pelo grande número de faltas deles aos treinos, este objetivo não era atingido.

Porque também esporte é bom para a saúde, coisas assim, espírito de equipe, uma coisa assim. (Aluno-atleta 23-B)

O terceiro motivo foi relacionado à oportunidade de auto-



afirmação¹⁹. Fama, elogios de professores e colegas, ganhar medalhas, poder dizer a todos que ganhou, que participou, criar moral, etc., foram alguns dos motivos citados pelos alunos-atletas, considerados aqui como busca de auto-afirmação.

Poder dizer assim, um dia que eu fui bom, um pouco melhor que os outros no jogo. Me sobressair. (Aluno-atleta 8-A)

Eu gosto de ganhar medalha, alguma coisa assim. Acho que é por isso que a gente joga, para se ver como é que a gente...se sente bem, ganhando, ganhando, se sente valorizado. (Aluno-atleta 13-A)

Seguidos à esses, o fato de fazer amizades, viajar com uma turma de colegas, fazer festa, conhecer novos lugares, extravasar energias, foram os motivos apontados como sendo os de maior interesse para a participação. O desejo de melhorar tecnicamente, de ser atleta, de representar a escola foram citados apenas 3 vezes num total de 46 alunos-atletas entrevistados.

A segunda pergunta formulada aos alunos-atletas questionava sobre os motivos que os levaram a ingressar nas equipes desportivas. Os dados apresentados no Quadro 8, demonstram que a influência de pessoas bastante próximas ao alunos foi o fator motivador mais apontado (41 vezes).

Sempre joguei, meu pai jogou, meu irmão joga, e eu sempre gostei de jogar. É um lazer né. (Aluno-atleta 3-A)

O primeiro foram meus amigos lá desde o começo. Tipo lá em Clevelândia ainda tinha vários amigos meus que treinavam, daí começaram a me convidar para ir. Foram aprendendo e acharam bom, e daí eu também comecei. (Aluno-atleta 5-A)

Sempre fui incentivada em casa. Meus irmãos e meus pais sempre jogaram. E eu chegava no colégio, sempre

¹⁹ Conforme LIMA (198-?, p.46), a auto-afirmação “é o comportamento caracterizado por atitudes que visam satisfazer as necessidades e desejos de mostrar marcadamente sua presença e sua pessoa, tentando obter relêvo, prestígio, respeito.”



tudo que tinha para participar eu participava, sempre gostei, nunca gostei de ficar parada. Qualquer esporte que tiver eu sempre jogo, gosto. (Aluno-atleta 21-B)

Não tem um motivo. As minhas amigas me convidaram e aí eu fui. Mas nenhuma treinava antes. A gente resolveu ir todas juntas para nenhuma ir sozinha que não sabia nada. (Aluno-atleta 32-C)

Um treinador ... me pediu para começar a treinar e daí eu comecei a me interessar bastante por essas coisas. Depois daquele dia eu não parei mais de treinar e jogar direto. Eu jogo direto. (Aluno-atleta 41-D)

Quadro 8 - Qual o motivo que o levou a participar de equipes desportivas?

Motivos apontados pelos alunos	N. de vezes que o motivo foi expresso				
	Escolas				Total
	A	B	C	D	
1. Influência da família	3	8	1	3	15
2. Convite do técnico ou professor de Educação Física	3	7	1	2	13
3. Influência de amigos	4	5	2	2	13
4. Não ficar parado / praticar uma atividade física / movimentar-se	5	1	0	1	7
5. Influência da televisão / de um ídolo do esporte	2	1	1	2	6
6. Vontade de viajar para jogos	2	0	2	0	4
7. Gosto pelo esporte	1	0	1	0	2
8. Lazer / diversão	1	0	1	0	2
9. Modalidade que mais se destaca / dotes físicos apropriados para a modalidade	2	0	0	0	2
10. Representar a escola	0	0	1	0	1
11. Prazer por competir	0	0	0	1	1
12. Desconto / bolsa de estudos na escola	0	0	0	1	1
13. Influência / estímulo da escola	0	0	0	1	1
14. Aprender a jogar	0	1	0	0	1
15. Fazer novas amizades / conhecer pessoas	1	0	0	0	1
16. Ficar mais educado / receber orientação dos professores sobre diversos assuntos	1	0	0	0	1

Número de alunos-atletas entrevistados – 46

Motivos relacionados ao movimentar-se e a praticar atividades físicas, que na primeira questão (Quadro 7) foram apontados 21 vezes, agora foram mencionados somente 7 vezes. Isto confirma a fragilidade das afirmações dos alunos-atletas, quando estes relatam ser os benefícios físicos e mentais oriundos da pratica de exercícios, um dos fatores motivadores para a participação

em equipes desportivas. Novamente parece ser *mais conveniente* dar uma resposta “mais inteligente”: cuidar do corpo, ser saudável, etc.; na verdade, este não é um dos motivos que leva os alunos-atletas a participarem das equipes.

Na questão formulada sobre os benefícios advindos da participação nas equipes desportivas, o mais citado foi a saúde física, o movimentar-se, seguido do fato de fazer novos amigos, viajar, etc. A busca pela auto-afirmação através de medalhas, premiações e reconhecimento ficou agora em quarto plano.

Quadro 9 - Quais são os benefícios de participar nestas equipes?

Benefícios apontados pelos alunos	N. de vezes que o benefício foi expresso				
	Escolas				Total
	A	B	C	D	
1. Saúde / liberar o estresse / movimentar-se / praticar uma atividade física	9	9	1	5	24
2. Viajar para jogos / conhecer novos lugares / conhecer novas cidades	8	5	3	2	18
3. Fazer novas amizades / conhecer pessoas	5	7	2	4	18
4. Auto afirmação / medalhas / reconhecimento	5	1	2	1	9
5. Satisfação pessoal / bem estar / felicidade	1	3	1	2	7
6. Passar o tempo / lazer / festa	0	1	0	3	4
7. Aprender / conhecer melhor o esporte / evolução técnica	2	1	0	0	3
8. Aprender a trabalhar em equipe	2	0	1	0	3
9. Prazer em competir / disputar / participar	0	1	0	1	2
10. Aprender a ser mais educado / ter mais respeito pelos outros	0	1	0	1	2
11. Possibilidade de ser convocado para equipes maiores	2	0	0	0	2
12. Desconto / bolsa de estudos na escola	0	0	0	2	2
13. Não sei	0	1	0	0	1
14. Melhoria do auto-controle	0	1	0	0	1
15. Conhecer melhor os professores / técnicos	1	0	0	0	1
16. Divulgar a escola	1	0	0	0	1
17. Aprender a ser líder	1	0	0	0	1

Número de alunos-atletas entrevistados – 46

Com o objetivo de se traçar uma paralelo entre as opiniões dos diretores, técnicos e alunos-atletas, foi perguntado também aos últimos, sua

opinião a respeito dos motivos que levam a escola a desenvolver um trabalho com equipes desportivas. Estas opiniões podem ser observadas no quadro abaixo.

Quadro 10 - Qual é o motivo que leva a escola a desenvolver um trabalho com equipes desportivas?

Motivos apontados pelos alunos	N. de vezes que o motivo foi expresso				
	Escolas				Total
	A	B	C	D	
Divulgação / promoção da escola	7	10	4	9	30
Incentivar a prática de esportes / saúde	5	6	0	2	13
Oferta de uma atividade extra classe	1	6	4	2	13
União entre os atletas	2	2	0	2	6
Desenvolver talentos esportivos	2	1	0	0	3
Competição entre as escolas	3	0	0	0	3
Afastar os alunos das drogas	0	1	1	0	2
Não sei / nunca pensei	2	0	0	0	2
Interesse dos professores / técnicos	1	0	1	0	2
Desenvolver independência	0	1	0	0	1
Auxiliar aqueles que pretendem ser professores de Educação Física	1	0	0	0	1
Ensinar os alunos a sempre tentar vencer	1	0	0	0	1
Ensinar a ter espírito de equipe	0	0	1	0	1
Oportunidade de dar bolsas de estudos	0	0	1	0	1
Aumentar a participação dos alunos em eventos escolares	0	0	1	0	1
A escola monta as equipes a partir da cobrança dos alunos	0	0	1	0	1
Oferecem esporte porque não tem outra coisa para oferecer	0	0	1	0	1

Número de alunos-atletas entrevistados - 46

Apesar de não ser o objetivo mais repassado aos alunos pelos professores (como visto no Quadro 6), a divulgação da escola foi citada por 65% dos alunos-atletas.

Divulgação. Por exemplo os jogos escolares, você está lá, está representando, está levando o nome da escola. E como você está feliz por estar lá, é sinal que você está contente com o teu colégio. Enquanto o aluno está contente por estar estudando aqui você vai atrair mais o outro aluno, o consumidor no caso. (Aluno-atleta 42-D)

Tem vários motivos. Para divulgar o colégio, tem outras escolas que já querem o futuro do atleta. A escola aqui faz para divulgar só. (Aluno-atleta 44-D)

Eu acho que tem um pouquinho por trás de ver a gente satisfeito, essa coisa legal que a gente gosta de fazer, para os alunos, tem um pouquinho de *marketing* também atrás disso. Não só no nosso colégio, mas tem um concorrente aí que é fogo, adora até mesmo comprar alunos para *marketing*, mas, eu acho que acima de tudo ver a gente feliz. Não sei. (Aluno-atleta 45-D)

Eu acho que toda a escola tem que ter esporte né. Daí elas convidam para treinar e montam as equipes sei lá, para ajudar os alunos, ajudar o colégio a ganhar. Eles montam as equipes e daí vão vendo os melhores, montam as equipes, vão lá e ganham. Porque geralmente é isso que os técnicos querem. Ganhar né. Eles não se importam com os alunos, se os alunos tiram nota boa. Eles estão ganhando o dinheiro deles para treinar, daí treina quem gosta, quem não quiser não treina. Eles não estão sendo obrigados a nada. Só treinar. (Aluno-atleta 32-C)

Talvez um pouco até por *marketing*, que a escola queira levar o nome para fora. Talvez que a escola queira oferecer algo mais para o aluno, não sei. Não sei mas é bom. (Aluno-atleta 22-B)

Pelo meu ponto de vista, acho que muitas pela competitividade entre uma escola e outra, sempre existe aquilo que uma quer ser melhor que a outra. Isso não tem dizer que não. (Aluno-atleta 08-A)

A quarta questão formulada aos alunos-atletas teve também o objetivo de detectar os fatores motivadores da participação destes nas equipes. De forma geral, os alunos respondiam simplesmente “gosto” ou “não gosto”, o que pode-se considerar como uma resposta muito superficial. Forçando então uma definição melhor, acrescentou-se um “por quê?”.

Quadro 11 - Gostam de participar de jogos e competições? Por quê?

Opiniões apontadas pelos alunos	N. de vezes que a opinião foi expressa				
	Escolas				Total
	A	B	C	D	
Gosto	15	14	6	9	44
1. Fazer novas amizades / conhecer pessoas	6	7	1	4	18
2. Auto afirmação	6	4	2	4	16
3. Prazer em competir / espírito competitivo	5	5	3	1	14

4. Viajar para jogos / conhecer novos lugares / conhecer novas cidades	4	3	1	3	11
5. Festa / lazer / diversão	3	4	2	1	10
6. Satisfação em ganhar	4	2	2	0	8
7. Evolução técnica	0	3	1	0	4
8. Prazer em participar / fazer alguma coisa	3	1	0	0	4
9. Prazer em defender a equipe / lutar por um objetivo	0	2	1	1	4
10. Auto avaliação	2	2	0	0	4
11. Orgulho em representar a escola	2	0	0	1	3
12. Aprender a controlar o sistema nervoso / ser mais tranquilo	0	1	0	0	1
13. Aprender a ser mais independente	0	1	0	0	1
14. Gosto pela agressividade dos jogos	1	0	0	0	1
Não gosto	1	0	0	1	2
1. Medo de perder	1	0	0	0	1
2. Gosto de brincar durante o jogo, mas os adversários não	0	0	0	1	1

Número de alunos-atletas entrevistados - 46

Os alunos ex-atletas

Os alunos ex-atletas foram também questionados a respeito dos objetivos e motivos que os levaram a participar das equipes desportivas. O resultado foi bastante semelhante àqueles atingidos com os alunos-atletas.

Quadro 12 – Por que você participava de equipes desportivas?

Opiniões apontadas pelos alunos ex-atletas	N. de vezes que a opinião foi expressa
1. Gosto pela modalidade / gosto por esportes	10
2. Manter o condicionamento físico / movimentar-se	4
3. Para ir para Jogos	4
4. Aprender a trabalhar em equipe	2
5. Busca de superação	1
6. Conviver com outras pessoas	1
7. Conhecer lugares novos	1
8. Sonho em ser um grande atleta	1
9. Para perder aula	1

Número de alunos ex-atletas entrevistados - 16



Quadro 13 - Qual o motivo que o levou a participar de equipes desportivas?

Opiniões apontadas pelos alunos ex-atletas	N. de vezes que a opinião foi expressa
1. Influência de amigos	5
2. Convite do técnico ou professor de Educação Física	4
3. Influência da família	2
4. Fazer atividade física	1
5. Aliviar o stress / descontração	1
6. Interesse em se identificar com a turma que já participava	1
7. Conviver com mais pessoas	1
8. Sonho em ser um grande jogador	1
9. Conhecer a modalidade	1

Número de alunos ex-atletas entrevistados - 16

As questões relativas ao gosto pelos esportes e a insegurança percebida nos relatos sobre atividades física e saúde também foram encontradas nos depoimentos dos alunos-atletas, bem como a força da influência de pessoas próximas aos alunos como fator motivador para o ingresso destes nas equipes.

O questionamento feito especialmente aos alunos ex-atletas foi sobre o motivo que os levou a abandonar os treinamentos. O mais apontado foi relativo a dificuldades com carga horária. Trabalho, horas de estudo, coincidência de horários de treinamento com cursinho, etc. foram os motivos mais citados. Em segundo plano ficaram os motivos relacionados à saúde como contusões, problemas ligamentares, uso de aparelhos dentários, etc.

Quadro 14 - Por quê você parou de participar destas equipes ?

Opiniões apontadas pelos alunos ex-atletas	N. de vezes que a opinião foi expressa
1. Horários, carga horária	9
2. Problemas físicos / saúde	4
3. Desentendimentos com o técnico	2
4. Proibição dos pais devido a notas baixa	2
5. Percebi que não tinha futuro. Melhor estudar	1
6. Estourou a idade para participar em jogos	1

Número de alunos ex-atletas entrevistados - 16

Desporto e rendimento escolar

Georges MAGNANE no livro *Sociologia do Esporte* (1969) relata que para o jovem esportista “o intelectual é, senão o inimigo, pelo menos o estranho” (p. 81). Esta forma de pensar não é exclusividade deste autor. Pelo contrário, é uma constante em nosso cotidiano e é reforçada através dos vários meios de comunicação. Ney Pereira de ARAÚJO FILHO contesta este tipo de atitude em uma carta intitulada “Carta em prol da dignidade e respeito ao professor de Educação Física”. Nela, o autor expõem sua indignação diante da forma como foram referidos os professores de Educação Física em determinada telenovela de rede nacional. Naquele episódio, estes professores foram taxados praticamente de analfabetos, como percebe-se na cena transcrita pelo autor.

Tratava-se de uma mulher, casada com um Professor. Ao perguntar ao seu filho se sabia onde estava seu pai, o menino respondeu que se encontrava em uma banca de jornais.

Ironicamente a mãe comentou: “Lendo é que ele não deve estar”.

A criança (com seu texto muito bem decorado) respondeu: “E a senhora acha que para fazer Faculdade de Educação Física (ou ser professor?) é preciso saber ler e escrever? (ARAÚJO FILHO, 1995? não pag.)

Conforme MORENO, os meios de comunicação

muitas vezes transmitem a imagem do profissional que está ‘congelada’ na cabeça das pessoas: alguém que não estuda muito ou não estuda nada, é alegre, que é burro, bonito e forte (no caso dos homens), bonita, sensual, ‘maravilhosa’ (no caso das mulheres). (1996, p. 162)

Em uma situação particular de preconceito explícito, fui surpreendida quando ao estar numa sala de professores de uma determinada escola lendo um livro, fui questionada: “O que você está fazendo?”, e ao responder que

estava estudando, ouvi: “Eu pensei que professores de Educação Física não precisavam estudar. Não é só ir lá e jogar bola?” É a visão que separa teoria da prática desprezando aquela em detrimento desta.

Este preconceito transpõe o âmbito escolar fundamental/colegial e está presente inclusive dentro das próprias universidades, local de formação dos professores de Educação Física. Na dissertação sobre a profissão “Professor de Educação Física”, Andrea MORENO aponta que os professores denunciam “um certo olhar de menosprezo a tudo que se refere aos interesses do departamento de Educação Física” na Universidade (1996, p. 159).

Estes pensamentos não são um fato novo dos tempos modernos. A diferenciação entre trabalho manual e intelectual teve início, conforme PONCE (1998), ainda nas comunidades primitivas.

Com as rudimentares técnicas da época, o trabalho material era de tal modo cansativo que o indivíduo que se dedicar ao cultivo da terra, por exemplo, não podia desempenhar, ao mesmo tempo, nenhuma das outras funções que a vida tribal exigia. Portanto, o aparecimento de um *grupo de indivíduos libertos do trabalho material* era uma consequência inevitável da ínfima produtividade da força humana de trabalho. (p. 22-3)

Estes *indivíduos libertos* ao ficarem encarregados por algumas atividades sociais, “fizeram derivar desses interesses certa exaltação de poderes”. (p. 23) Com o surgimento de algumas atividades mais complicadas, começaram também a destacar-se, indivíduos mais inteligentes e habilidosos, e estes, por sua vez a exercerem influência e poder sobre os outros membros da comunidade. Com isso, “a direção do trabalho se separa do próprio trabalho, ao mesmo tempo que as forças mentais se separam das físicas”. (PONCE, 1998, p. 24)



Esta separação entre forças mentais e físicas se estende através dos séculos sendo transmitida por meio de diversas crenças e ciências.

A Filosofia e a Teologia, através dos tempos, têm dado diferentes interpretações ao significado de corpo, mente, razão, espírito e alma. (...) O dualismo corpo-alma é um exemplo vivo de inculcação do qual o resultado tem sido uma imagem distorcida e pecaminosa do corpo na cultura ocidental. (MEDINA, 1985, p. 43)

Ainda conforme MEDINA,

esta repressão não apenas é o reflexo direto dos tempos da sacrossanta inquisição, como também, é fruto da influência dos intelectuais, que sempre insistiram em atrofiar o que consideravam – e consideram até hoje – “um simples objeto que a nossa mente e/ou o nosso espírito tem a obrigação de carregar”. (1985, p. 43-4)

Estudiosos da área da educação também relatam a valorização do trabalho intelectual sobre o trabalho manual no que diz respeito à organização da escola. Neste caso, a classe social dominadora, ou seja, a burguesia, tenta impedir o desenvolvimento da ideologia do proletariado.

Para isso ela é organizada como um aparelho separado da produção. Consequentemente, não cabe dizer que a escola qualifica diferentemente o trabalho intelectual e o trabalho manual. Cabe, isto sim, dizer que ele qualifica o trabalho intelectual e desqualifica o trabalho manual, sujeitando o proletariado à ideologia burguesa sob um disfarce pequeno-burguês. (SAVIANI, 1995, p. 38)

Outra grande incentivadora da divisão entre “os pensam e os que fazem” foi a ideologia produtora chamada taylorismo. CARMO (1992) em sua obra intitulada como A Ideologia do Trabalho, relata que no início do século XX, Frederick W. Taylor criou esta nova ideologia produtiva que espalhou-se rapidamente pelo mundo todo e, “ao generalizar-se, ... [transformou-se] numa técnica social de dominação.” (CARMO, 1992, p. 42).

Esta técnica consistiu em racionalizar a produção, possibilitando



dizendo que “se elas não quiserem estudar, se elas não forem bem de nota a gente faz o que? A gente saca, a gente tira.” Os alunos também confirmam esta cobrança:

o técnico sempre fala se você não estuda, você não treina. (Aluno-atleta 19-B)

o técnico só leva você para os jogos se você tem nota boa, então, faz com que você estude para sair, para ir jogar. (Aluno-atleta 28-B)

a gente sabe que se tiver nota baixa o técnico fica meio assim de levar para os Jogos, não sei o quê. (Aluno-atleta 22-B)

Na escola D, o diretor fez a seguinte declaração:

Claro, que se nós colocarmos por exemplo um atleta com material esportivo e colocarmos uma apostila para ele estudar, um livro, uma pesquisa, um CD Rom, para que ele possa pesquisar, ele vai preferir o material esportivo. É claro, é evidente, mas isso não dizer que ele não tenha rendimento. Os nossos atletas todos tem que apresentar um rendimento mínimo necessário como qualquer outro aluno para ser promovido. De repente a gente começa a fazer comparações do aluno atleta com o seu rendimento escolar e não percebemos que dentro da sala de aula, dentro da turma, têm alunos que não são atletas e também tem baixo rendimento ou que também tem bom rendimento. Então de repente já tenha se criado um certo preconceito talvez, de falar de rendimento escolar e prática esportiva. (...) Então eu não tenho nenhum parâmetro para fazer comparação. (Diretor D)

Porém, antes desta declaração, o mesmo diretor expôs a seguinte atitude tomada na escola:

Nós, este ano, estipulamos uma coisa bastante interessante. O aluno que quer participar da equipe esportiva, ele tem que ter uma produtividade mínima, um rendimento mínimo. Foi uma proposta, ainda não é a cobrança. A partir do ano que vem vai haver a cobrança. O aluno para participar das equipes competitivas tem que ter um índice de aproveitamento. Então este ano nós sentimos que alguns de nossos atletas que tinham baixa produtividade, as vezes até por priorizar o esporte, tinham baixa produtividade, melhoraram em muito a produtividade intelectual,



cultural aqui dentro da escola nos estudos. Então o rendimento deles melhorou. (Diretor D)

Consequentemente, o diretor foi questionado sobre o porquê desta atitude, e assim respondeu:

Nós decidimos isso porque alguns dos atletas estavam priorizando a prática esportiva e usando as vezes até estas situações em que eles tinham sido convocados e tal, como desculpa para o seu baixo rendimento. Em alguns casos excepcionais. Então os alunos com baixo rendimento, nós realmente estamos tentando implantar uma regra que ele apresente um mínimo, porque nós não podemos, como eu já citei, nós não priorizamos o esporte, mas que esse aluno que tem baixa produtividade não use como desculpa. Se ele tem baixa produtividade porque ele tem limites, ele tem dificuldades, é uma coisa. Então nós temos que priorizar o ensino, desenvolver nele estas habilidades que estão faltando na aprendizagem e para isso nós precisamos dispor de tempo e não podemos então disponibilizar este aluno durante determinados horários que ele poderia se dedicar aos estudos, se dedicar ao esporte. Eu não estou querendo dizer o que é mais ou menos importante, eu estou dizendo o que é para nós prioridade. (Diretor D)

Em ultima análise, os diretores das escolas B e D, mesmo considerando que o esporte não influencia negativamente no rendimento escolar, mantém em suas instituições de ensino uma norma que tem como função principal estimular os alunos-atletas ao estudo. Se estes diretores acreditassem realmente que o número de alunos-atletas com dificuldades escolares fosse pequeno, não haveria necessidade de se estabelecer uma norma para toda a escola. O estabelecimento dessa regra mostra que, se não há realmente muitos alunos-atletas com notas baixas, há novamente aí o já tratado preconceito contra os esportistas.

Em síntese, dos seis diretores entrevistados, cinco mostraram-se direta ou indiretamente “inseguros” em relação ao rendimento escolar de seus alunos-atletas. Apenas o diretor C, que relatou simplesmente não haver diferenças. “Isso depende muito do aluno. O aluno que leva a sério o esporte, leva também o



estudo.” Esta forma de pensar também foi percebida nos professores desta escola e nas atitudes tomadas inclusive pela supervisão escolar.

Com o apoio da supervisão este ano inclusive, eles pediram, no último conselho de classe que a gente pudesse mostrar este lado também, não só da disciplina, que se fizesse um acompanhamento em todas as disciplinas, as médias nas outras disciplinas e também o comportamento dos nossos atletas. Eu gostei desta coisa porque a gente pode mostrar que o atleta não é aquele menino ou aquela menina que só sabe bater bola. (Técnico 4)

Em relação ao perfil dos alunos-atletas apontados pelos diretores, a desenvoltura e a alegria foram as características mais citadas. É interessante perceber que o número de características apontadas foi bastante grande, demonstrando novamente a falta de unanimidade nas opiniões ou então nas próprias características dos alunos-atletas.

Quadro 15 - Defina um perfil do aluno-atleta.

Características apontadas pelos diretores	N. de vezes que as características foram expressas
1. Alegre / desenvolto / extrovertido	10
2. Corpo atlético, saudável, robusto	2
3. Coleguismo	2
4. Nem sempre boas notas	2
5. Organizado	1
6. Colaborador	1
7. Espírito competitivo	1
8. Comprometimento com a escola	1
9. Pertence a classes favorecidas	1
10. Tem disponibilidade de horários	1
11. É líder	1
12. Não tem problemas com dependência ou fanatismo	1
13. Reinvidicatórios	1

* Número de diretores entrevistados – 06



Os técnicos

Sobre o rendimento escolar de seus atletas o relato dos professores foi de que, em geral, não há problemas. Alguns técnicos apontaram um percentual de 70% de seus alunos sem dificuldades escolares. Outros chegaram a afirmar que 100% dos seus alunos-atletas tinham somente notas boas, ou seja, acima da média. Houve também alguns técnicos que não arriscaram percentuais, mas consideraram que como há alunos-atletas com dificuldades em suas notas, há também alunos não-atletas. Seguem abaixo declarações de alguns técnicos.

Primeiro eu diria de uma forma geral. Depende da política que você adota. No caso do basquete feminino do [colégio] nós temos um número pequeno, mas eu diria que 70% tem boas notas. você tem alguns. eu diria em torno de 30% a 40% que teriam problemas com notas. De uma forma geral, 60% a 70% de notas compatíveis. Não são os melhores alunos, mas tem notas compatíveis. (Técnico 7)

Entre as meninas, eu acredito que 90%, o rendimento escolar delas é ótimo. Os meninos baixa, baixa para 70% o rendimento dos atletas a nível escolar. Tem poucos problemas de atletas com notas baixas. Eles sabem disso, eles se preocupam com as notas, porque eles sabem que vão faltar aula por causa dos jogos então, em torno de 70% deles vai atrás, corre atrás antes de acontecer a coisa. Então eles se preocupam muito das notas porque se eles não tiverem umas notas boas, normalmente os pais não vão deixar eles participarem das competições. (Técnico 6)

Aquele que é bom aluno na sala de aula é bom na quadra, aquele que é mau na sala de aula é mau na quadra. (Técnico 5)

Suspeito eu para falar de alunos-atletas e rendimento escolar. Suspeito a princípio porque a gente procura defender os alunos-atletas da gente, mostrando que não são só atletas que sabem correr atrás de uma bola mas que também alguém que tem conhecimento, que tem habilidades nas outras disciplinas e que pode ser um



ótimo atleta e um ótimo aluno. ...Tem as vezes notas até melhores que alunos que participam ativamente em todas aulas e não saíram para jogos. Então, se é um aluno que mesmo viajando consegue recuperar trabalhos, consegue tirar notas nas provas, levando da mesma forma como os demais alunos, e ele consegue ter essa nota, então ele é um bom aluno, pode ser um bom aluno e um bom atleta. (Técnico 4)

100%. Eu posso te dizer em números até. Eu tive uma atleta só que eu trouxe pro colégio que não teve um bom rendimento escolar. Mas eu tive “n” atletas que os pais vieram me falar que melhoraram significativamente as notas. Por que tem aquela cobrança em casa. O pai fala assim: você tem que ter responsabilidade. Se você quer fazer uma coisa que você gosta você tem que saber conciliar as coisas. Em primeiro lugar vem os estudos, segundo lugar, vem o basquete ou as outras coisas que elas tem que fazer. Então em primeiro lugar vem os estudos. (Técnico 3)

Quadro 16 – O que você diria sobre os alunos-atletas e seu rendimento escolar.

Opiniões apontadas pelos técnicos	N. de vezes que as opiniões foram expressas
1. Quem é bom aluno é bom atleta	4
2. Poucos problemas de alunos-atletas com notas baixas	3
3. Não há problemas com alunos com notas baixas	3

* Número de diretores entrevistados – 10

Como demonstra o quadro acima, a opinião dos técnicos a respeito do rendimento escolar dos alunos-atletas difere daquela apontada pelos diretores. Os técnicos mostraram-se bastante confiantes no bom desempenho escolar dos alunos demonstrando uma tendência a acreditar que não existem diferenças entre o rendimento escolar de alunos-atletas e não atletas.

Sobre o perfil dos alunos-atletas, três fatos repetiram-se em relação ao depoimento dos diretores: a) grande número de indicações de características voltadas à disposição, ao extrovertimento, à alegria; b) pequeno número de indicações de características voltadas a outros tipos de comportamento;

c) grande número de características apontadas. Isto indica que aos olhos dos diretores e técnicos a característica principal dos alunos-atletas é a disposição, o dinamismo, o extrovertimento, etc. Outras características apresentaram-se em menor número, com certeza devido à sua menor incidência entre os alunos. Em síntese, entre os alunos-atletas encontram-se jovens dos mais variados perfis, temperamentos, personalidades e consequentemente, características.

Quadro 17 - Defina um perfil do aluno-atleta.

Características apontadas pelos técnicos	N. de vezes que as características foram expressas
1. Ativos / participativos / dinâmicos / dispostos / sempre em busca de novidades	4
2. Extrovertidos / comunicativos / facilidade para fazer amizades	3
3. Críticos	2
4. Impulsivos	1
5. Mais espertos	1
6. Mais agitados na sala de aula	1
7. Líderes	1
8. Dedicados	1
9. Gostam de praticar atividades físicas	1
10. Possuem rendimento escolar regular	1
11. Possuem bom relacionamento familiar	1
12. Possuem boa disciplina na escola	1
13. Exigentes	1
14. Preguiçosos	1
15. Egoístas	1
16. Só funcionam sob pressão	1
17. Tem cuidados com o corpo	1
18. Tem cuidados com a imagem social	1
19. São pessoas abertas / acessíveis	1

* Número de técnicos que responderam a esta questão – 06

Através das principais características apontadas, é possível também sugerir mais um dos motivos para o preconceito existente sobre os alunos-atletas: o próprio extrovertimento. Pessoas extrovertidas, alegres, dinâmicas, muitas vezes são confundidas como irresponsáveis, desatentas,



indisciplinadas. A alegria como antônimo da seriedade. A seriedade que pode significar “Que tem valor, mérito ... Verdadeiro, sincero”, significando “Sisudo ... Que não ri”. (FERREIRA, 1977?, p.439)

Os alunos-atletas

Entre os próprios alunos-atletas pode-se perceber que o preconceito está presente em nossa sociedade. Grande parte dos alunos, ao serem questionados a respeito da participação nas equipes desportivas ajudar, atrapalhar ou não influenciar no seu rendimento escolar, rápida e ansiosamente respondiam: “não atrapalha”, já tendo em mente o fato do esporte prejudicar os estudos. A posição assumida era de defesa como que dizendo: “as pessoas acreditam que eu não estudo, mas isto não é verdade.” Esta ansiosidade demonstra que estes alunos já sentem a força do preconceito sobre si, mesmo inconscientemente.

Apesar da ansiosidade, em suas respostas (Quadro 18), 26 dos 46 alunos-atletas entrevistados consideraram que a prática desportiva não influencia em nada no seu rendimento escolar.

Não tem nada a ver com estudos. porque é uma hora que eu tenho livre, que não preciso para estudar essa hora no caso. Tem bastante horas que dá para estudar. Eu sinto falta de treinar. Parece que está faltando alguma coisa. (Aluno-atleta 24-B)

Eu acho que não influencia em nada. Porque se eu não estivesse dedicando as horas que eu dedico para o vôlei, iria estar fazendo outra coisa. Não tem nada a ver. (Aluno-atleta 23-B)

Não influencia. Porque antes de eu treinar, também ia bem na escola e depois que eu comecei a treinar também não mudou. Continuou no mesmo ritmo, não mudou nada. (Aluno-atleta 27-B)

Quadro 18 - Você acha que a sua participação no esporte ajuda, atrapalha ou não influencia em sua vida escolar?

Opiniões apontadas pelos alunos-atletas	N. de vezes que a opinião foi expressa				
	Escolas				Total
	A	B	C	D	
01- Não influencia.	9	6	5	6	26
02- Não influencia, desde que consiga dividir bem o tempo.	5	1	0	1	7
03- Ajuda. Dá mais ânimo, bem estar.	3	1	0	3	7
04- Atrapalha	2	1	1	2	6
05- Ajuda. Obriga a se organizar mais.	1	3	0	0	4
06- Ajuda. Tem que estudar para poder treinar e jogar	0	4	0	0	4
07- As vezes ajuda, as vezes atrapalha	3	0	0	0	3
08- Ajuda quem quiser seguir carreira de professor de Educação Física ou de atleta.	0	0	0	1	1

Número de alunos-atletas entrevistados - 46

Alguns, porém, ressaltaram que estas atividades não influenciam desde que se saiba dividir bem o tempo. Horários para treinos e jogos e horários de estudo.

Acho que não influencia. Se dividir bem, saber a hora de estudar e treinar, não faz diferença. (Aluno-atleta 31-B)

Não influencia...Não porque são só duas horas semanais. Você tem todo o tempo para estudar, não vai influenciar em nada. Tem que ter uma hora para tudo. Eu sei diferenciar a hora do lazer e do estudo. (Aluno-atleta 34-C)

Vários alunos-atletas relataram que o esporte pode ajudar nos estudos através dos benefícios provenientes da atividade física, como o bem estar e um melhor condicionamento físico;

Acho que ajuda. Numa semana de provas, se eu não jogasse futebol, ia ficar meio louco. (Aluno-atleta 40-D)

Eu acho que por um lado ajuda. Você está ali, estudando, estudando, aí você viaja, então esquece um pouco, volta com uma outra...É a mesma coisa que você trabalhar o ano inteiro e tira trinta dias de férias...você volta totalmente novo. Não só viagens para jogar. Tudo. Você se desliga, tem um tempo para fazer o que você gosta. Se você faz o que você gosta, você está

feliz. Pelo simples fato de você estar confraternizando com todas as pessoas que jogam a mesma coisa que você, que gostam da mesma coisa que você. (Aluno-atleta 42-D)

a oportunidade de seguir carreira como atleta ou profissional da área esportiva;

Depende da pessoa. Muitas vezes ajuda. Por que daí pessoas que pretendem fazer Educação Física ajuda, ajuda em muito. (Aluno-atleta 8-A)

o fato de ter que se organizar melhor o tempo devido aos horários de treinamento e aos finais de semana com competições;

Acho que se for ver, ela ajuda. Você tem consciência que você vai ter que se esforçar mais que um aluno normal porque você vai ter que sair para jogos, você tem treino a tarde, você tem que se esforçar muito mais na sala de aula e quando você tem um tempo, você já vai estudar. E se você não faz nada, você vai ficar em casa o dia inteiro assistindo televisão...(Aluno-atleta 17-B)

e o fato de que se não estudar, os técnicos e a escola não permitirão sua participação nos treinos e nos jogos.

Ajuda ... o técnico sempre fala: se você não estuda você não treina. Então eu tenho que estudar para poder treinar. (Aluno-atleta 19-B)

Apenas seis alunos consideraram que o esporte atrapalha seus estudos, sendo que de dois destes alunos, o relato foi sobre a priorização dos esportes.

Com certeza atrapalha. Se eu não jogasse bola eu estudava, mas como eu jogo bola, não estudo. E eu acho que não tem que parar de jogar para estudar. (Aluno-atleta 44-D)

Atrapalha um pouco...eu tinha uma prova amanhã, por exemplo, hoje tinha treino. Eu me dedicava mais aos treinos. Eu ia no treino, jogava mesmo, quase me matava para tentar me superar e tudo mais. Então eu deixava um pouco de lado o colégio. Nunca deixei para trás os estudos. (Aluno-atleta 13-A)

Analisar as respostas dos alunos-atletas não foi uma tarefa

simples. Muitos iniciavam a resposta dizendo: “Não influencia em nada”, mas, logo em seguida complementavam: “Só quando tem jogos” ou então, “ajuda um pouquinho no ânimo”. Portanto, tornou-se inviável uma contagem exata do número que cada opinião foi mencionada. Realizou-se então uma análise das entrevistas, onde se buscou sintetizar as opiniões. Sem sombra de dúvidas, a grande maioria dos alunos-atletas (88%) acredita que se o esporte não ajudar no rendimento escolar, dificilmente trará prejuízos. Porém, é necessário enfatizar que os próprios alunos-atletas que fizeram estas considerações, acreditam que isto aconteça desde que não haja uma dedicação excessiva à vida esportiva. Que se saiba dividir bem o tempo sem se deixar envolver totalmente pelo esporte. Na declaração do aluno-atleta 16-A este pensamento fica bastante claro.

Ajudar não ajuda. Atrapalhar também não. Acredito que não faz nada. A não ser que tu faça muito, que tu jogue demais, passe todo final de semana jogando.

Aspectos bastante destacados também pelos entrevistados, foram os benefícios quanto à liberação do estresse, o bem estar, a “liberação de energias” e a convivência com os amigos. De forma geral, percebi que os atletas encaram positivamente o esporte em sua vida escolar.

Os alunos ex-atletas

Aos alunos ex-atletas foram formuladas duas questões que diziam respeito ao rendimento escolar: “Como eram suas notas no período que participava dos treinamentos? Eram melhores, piores ou iguais a agora que não treina?” e “Existe alguma diferença quanto ao interesse pelos estudos entre o

período que treinava e agora?”

Na primeira questão formulada, houve uma diferença pequena entre as respostas obtidas que é demonstrada no quadro abaixo.

Quadro 19 - Como eram suas notas no período que participava dos treinamentos?

Eram melhores, piores ou iguais a agora que não treina?

Opiniões apontadas pelos alunos	N. de vezes que a opinião foi expressa
Iguais	7
Piores	5
Melhores	4

Número de alunos ex-atletas entrevistados – 16

Vários alunos que relataram serem iguais as notas, enfatizaram o fato de haver equilíbrio entre a dedicação aos treinamentos e aos estudos.

Eram iguais do que agora porque uma coisa que você tem que saber dividir, é saber dividir esporte e alguma atividade extra curricular do que você está aqui por objetivo. Você sabendo dividir as tarefas que você tem que fazer não deixando uma influenciando as outras. (Aluno ex-atleta 10 Ex A)

Em época de provas eu não treinava, pois não tem condições de estudar. As vezes atrapalhava um pouco os treinos. Mas as notas continuam a mesma coisa. (Aluno ex-atleta 3 Ex A)

Atrapalha no momento em que o cara tem que sair de uma cidade até outra para poder jogar. Vai perder aula, vai perder provas alguma coisa assim, matéria. Mas, horário sempre de treino era fora do horário de aula, tinha horário para tudo. Vai na aula, depois vai no treino. O problema era quando era época de competições. Ai dava uma diferença, mas não era grande, eram jogos de dois, três dias, uma semana no máximo. (Aluno ex-atleta 4 Ex A)

Os relatos de notas piores durante os períodos de treinamento giraram em torno de duas justificativas: o cansaço devido aos treinamentos e a

dedicação maior ao esporte.

Eu não estudava. Eu chegava, jantava e ia dormir. A maioria dos treinos eram a noite e daí não dava tempo de estudar. (Aluno ex-atleta 13 Ex B)

No primeiro ano por causa dos jogos eu reprovei. Dava mais atenção ao futebol, queria me dedicar mais ao futebol daí eu deixei de lado. Agora eu estou melhor, mais não muito. (Aluno ex-atleta 14 Ex B)

A gente treinava todos os dias. E eu antes de ir para o treino, nunca estudava. Quando voltava, eu chegava muito cansada do treino, a única coisa que você queria era cair na cama e dormir. Aí estudar também não ia, né. Ou você começava a estudar também e dormia em cima dos livros, não tinha força de vontade para estudar. Eu era uma dessas aí, né, que eu não tinha mesmo vontade de estudar quando eu ia treinar. Quando eu não ia, eu estudava o dia inteiro. Quando tipo assim, eu falava, não, hoje eu não vou treinar para estudar, eu pegava os cadernos e estudava. Quando eu falava, não, hoje eu vou treinar, aí eu ia pro treino e deixava os estudos que...(riso) aí eu não estudava nada. Nem pegava o caderno na mão. E este ano tá diferente. Eu já tô mais, como é que eu posso dizer, estou mais dedicada aos estudos. Acho que é por que meu pai me pressionou também, já ajudou um pouco pra mim estudar mais. (Aluno ex-atleta 1 Ex A)

Em relação às melhores notas obtidas durante os períodos de treinamento, estas foram justificadas pelo melhor relacionamento com os colegas e pelo bem estar provocado pelas atividades físicas.

Eu sempre fui uma aluna que nunca fiquei para estudar. Eu sempre peguei a matéria com que o professor falava. Só que se você não tem uma atividade física, ou se você não faz nada, você fica só tentando estudar realmente, você as vezes até não presta muita atenção no que o professor fala. E é o que te ajuda mais é as aulas que tem dentro da sala, mas tu fica inquieta, tu tem uma energia demais para gastar e não presta atenção no que deveria. (Aluno ex-atleta 05 Ex A)

Eu acho que se a pessoa gosta de jogar ele contribui. Acho que ele contribui. E também se relaciona melhor com os amigos, tem mais participação em sala de aula. Eu acho que até melhora os estudos. (Aluno 08 Ex A)



Quadro 20 - Existe alguma diferença quanto ao interesse pelos estudos entre o período que treinava e agora?

Opiniões apontadas pelos alunos	N. de vezes que a opinião foi expressa
I. Não	16

Número de alunos ex-atletas entrevistados – 16

Tabela 5 – Valores médios e resultados as Análise de Variância, para comparação entre alunos-atletas e não-atletas por turma/instituição.

Turma/Instituição	Médias		Resultado do teste estatístico
	Atletas	Não-atletas	
1-A	11,25	18,50	2,80 (p>0,05) NS
2-A	11,00	19,67	1,26 (p>0,05) NS
3-A	16,14	8,71	2,44 (p>0,05) NS
4-A	25,33	31,00	0,97 (p>0,05) NS
5-A	10,33	28,33	4,84 (p>0,05) NS
6-A	15,00	26,57	4,41 (p>0,05) NS
7-B	12,00	14,00	0,11 (p>0,05) NS
8-B	2,50	6,50	1,08 (p>0,05) NS
9-B	0,00	7,50	5,97 (p>0,05) NS
10-C	4,20	12,00	5,23 (p>0,05) NS
11-C	13,25	3,50	4,53 (p>0,05) NS
12-D	14,20	5,20	11,60 (p<0,05) *

NS= não existem diferenças significativas entre as médias dos alunos.

* = as diferenças entre as médias dos alunos são significativas.

Com a realização dos cálculos das médias em nove turmas analisadas, os alunos não-atletas apresentaram uma média de notas baixas maior que os alunos-atletas, ou seja, apresentaram durante o período definido para a pesquisa, mais notas baixas do que os alunos-atletas. Numa análise superficial, poderia-se concluir que os alunos não-atletas tiveram um rendimento escolar pior que os alunos-atletas. Entretanto, o cálculo da análise da variância dos dados mostra que na realidade a diferença entre os valores das médias, em onze turmas, não é significativa (Tabela 5). Em outras palavras, levando em consideração os

fatores de variam ao acaso e que não foram estudados, na verdade não existe diferença entre os valores médios dos alunos-atletas e não-atletas em onze das doze turmas estudadas.



apresentados²⁰. O objetivo apontado mais vezes, a integração, foi mencionado por 50% dos entrevistados o que demonstra falta de unanimidade, senão de clareza, sobre o que realmente se quer com o desenvolvimento de atletas no meio escolar. Outro fato interessante é que, objetivos considerados importantes para o desenvolvimento integral dos alunos, foram citados somente uma ou duas vezes, como por exemplo: desviar a atenção dos alunos de atividades consideradas prejudiciais, desenvolvimento de espírito de equipe e de espírito competitivo.

Quanto aos benefícios que as equipes desportivas trazem para a escola (Quadro 2), houve praticamente unanimidade nas respostas dos diretores: divulgação e/ou promoção da escola. A integração, a união e o desvio da atenção de atividades consideradas prejudiciais foram novamente lembrados por poucos diretores. A certeza do benefício e a incerteza dos objetivos apontados, demonstra a meu ver, que os diretores não têm clareza sobre os objetivos do desporto escolar e seguem a tendência de que “esporte é bom” mesmo sem saber exatamente o porquê, ou, têm consciência que utilizam o desporto e conseqüentemente seus alunos como instrumento de *marketing* escolar, não achando conveniente então, expor isto sobre os objetivos a serem atingidos com as equipes desportivas.

Grande variação de opiniões também foi observada quanto aos benefícios que a participação nas equipes desportivas traria aos próprios alunos-atletas (Quadro 3). Os benefícios mais apontados foram expressos somente três vezes, sendo eles: a formação da personalidade e o fato do aluno “ir bem em tudo” devido às cobranças exercidas sobre eles. Novamente observa-se que não há

²⁰ Entre os seis diretores entrevistados foram apresentados nove objetivos(Quadro 1).



benefício que a maioria dos diretores realmente consiga identificar em seus alunos-atletas. Existem inúmeros benefícios apontados, mas eles parecem surgir aleatoriamente entre os alunos-atletas, sendo difícil a identificação e a determinação daqueles que ocorram com maior frequência.

A incerteza dos diretores não esteve presente nos depoimentos dos técnicos. Estes demonstraram ter clareza quanto aos seus objetivos e também quanto aos objetivos da escola. O rendimento, a competição, a vitória, a superação, etc., foram apresentados abertamente tanto no que tange à divulgação da escola, como também na busca do reconhecimento e do respeito como profissional da área de Educação Física. Outro dado importante nas entrevistas com os técnicos é a declaração de alguns deles sobre o fato de omitir aos alunos-atletas, o principal objetivo a ser atingido com as equipes desportivas. Como não seria conveniente declarar que o principal objetivo é aumentar o número de alunos e em alguns casos o lucro da escola através das equipes desportivas ou, ainda, de obter ascensão profissional através destas equipes, é comum que se utilize o discurso do “desenvolvimento de espírito de equipe”, do “desenvolvimento de lideranças”, do “desenvolvimento físico”, entre outros. As expectativas dos professores e diretores, no entanto, mostraram-se diversas às dos praticantes do desporto escolar.

Conforme exposto no capítulo anterior, o principal motivo pelo qual os alunos-atletas participam de equipes desportivas é o gosto por determinada modalidade ou, simplesmente, pelo esporte ou pelo jogo. A primeira impressão



que se tem é de que os alunos que já possuem este “gosto pelos esportes” é que procuram este tipo de atividade. Porém, analisando conjuntamente os Quadros 7 e 8, pode-se observar que os principais motivos que levam os alunos à prática desportiva é a influência de familiares, professores e amigos. O gosto pelo esporte, sem a declaração de influência de familiares ou amigos, anterior à participação nas equipes, foi relatado somente 2 vezes entre os 46 alunos-atletas entrevistados. Analisando-se então de maneira mais aprofundada, percebe-se que o gosto pela modalidade específica ou simplesmente pelo esporte, parece desenvolver-se conjuntamente com a prática esportiva e não anteriormente à ela. Ou seja, os alunos, em sua maioria, passam a gostar do esporte após terem provado, experimentado, sentindo o que o esporte pode lhes proporcionar em termos de emoção, oportunidades e benefícios físicos.

O segundo motivo mais apontado para a participação nas equipes desportivas foram os benefícios físicos, sejam eles relacionados à saúde ou somente à estética. Sobre este assunto já foi feita pequena abordagem no capítulo anterior, demonstrando que os alunos possuem “certa consciência” a respeito dos benefícios da prática esportiva sobre a saúde. Esta “certa consciência” pode também ser confirmada analisando-se os Quadros 7, 8 e 9 onde na primeira e na terceira, que tratam do porquê da participação nas equipes desportivas e dos benefícios obtidos através dela, a saúde, a liberação do stress e o movimento aparecem citadas 21 e 24 vezes respectivamente. Mas, no Quadro 8, que trata sobre os motivos que levaram os alunos a participar das equipes, são citados apenas 7 vezes motivos como: não ficar parado, movimentar-se, fazer

alguma atividade física.

Estas informações demonstram que, na realidade, o motivo que mantêm os alunos participando de equipes desportivas difere daqueles que eles relatam como sendo os principais para a sua participação. Estes motivos são identificados como: a possibilidade de viajar para participar de jogos, de conhecer novas pessoas, de fazer amizades, de auto-afirmação, de diversão, etc., ou seja, motivos bastante diversos daqueles almejados pelos diretores e técnicos. Enquanto os diretores e técnicos objetivam o rendimento esportivo em busca da divulgação da escola e também da promoção profissional, os alunos buscam lazer, diversão, passeios, etc. Talvez esteja aí a resposta para explicar o pequeno número de participantes. O pensamento e o desejo dos alunos-atletas entrevistados podem refletir, também, o pensamento e o desejo das dezenas, talvez centenas de alunos que muitas vezes passam pelas equipes desportivas, mas não permanecem, por não sentirem-se atraídos pelo tipo de atividade desenvolvida. Com certeza, a diferença entre os objetivos dos chamados por mim, atores do desporto escolar, seja a base do insucesso do esporte e das atividades físicas nas escolas.

Quanto ao pensamento dos alunos sobre o motivo que leva a escola a manter equipes desportivas, a maioria apontou a divulgação, a promoção, o *marketing*, como principal motivo. Este objetivo, mesmo tentando ser encoberto pelos diretores e técnicos, mostra-se claramente aos olhos da maioria dos alunos-atletas.

O Quadro 11 que trata da questão: Gosta de participar de jogos e competições?, volta a afirmar o interesse pelas amizades, viagens e lazer que o



esporte pode proporcionar. Neste quadro também aparece a auto-afirmação, necessidade característica entre os adolescentes, e o prazer em competir, como segundo e terceiro motivos respectivamente mais apontados²¹.

A grande surpresa das entrevistas ficou por conta de dois alunos-atletas que relataram o fato de não gostarem de competições pelo medo de perder e por preferir levar o jogo “mais na brincadeira”, pensamento que não combina com o restante dos colegas e dos adversários.

... Eu gosto mais de treino. Quando eu vou jogar, eu gosto de driblar, eu gosto de brincar bastante e daí o atleta do outro time não vai gostar, daí ele já vai querer brigar. Mas eu jogo né. Quando eu vou sair daí eu jogo, por que senão... sei lá, eu só treinava. (Aluno-atleta 44-D)

A respeito do desporto e rendimento escolar, nas palavras dos diretores e técnicos, os dados expostos no capítulo anterior, deixam clara a posição dos entrevistados. Os diretores, de forma geral, demonstraram-se temerosos quanto ao rendimento escolar dos alunos-atletas: aqueles que não declararam abertamente a opinião de que geralmente os alunos-atletas não alcançam boas notas, afirmam existir normas em suas escolas que exigem que estes alunos obtenham rendimento escolar sob pena de terem de abandonar a equipe e os treinamentos. Os técnicos, por sua vez, acreditam que não existe diferença entre o rendimento escolar dos alunos-atletas e não-atletas. Entretanto, é necessário destacar alguns aspectos do depoimento do técnico 3. Este afirma que nenhum de seus alunos-atletas possuem problemas relacionados a rendimento

²¹ A meu ver, o prazer em competir não deixa de ser uma forma de auto-afirmação, pois trata-se de uma situação onde o atleta se sente forte, capaz de lutar, de vencer.



escolar, mas, convém ressaltar que o mesmo pertence à escola B, que conforme declaração exposta no capítulo II, exerce forte cobrança sobre os seus alunos-atletas quanto ao rendimento escolar. Isto significa que se 100% dos seus alunos-atletas não apresentam problemas de desempenho escolar, este percentual pode estar ligado ao fato de se exigir este rendimento dos alunos e não à consequência de sua mera participação nas equipes desportivas. O aparente benefício do esporte na verdade é uma negociação, uma troca: “você estuda, eu lhe deixo jogar”.

Este tipo de negociação é comum em escolas brasileiras e também em grupos que incentivam a prática esportiva como forma de diminuir a delinqüência e manter jovens na escola. Ela traz benefícios, mas, é uma negociação e não uma dádiva provinda da prática esportiva. Se estes programas de incentivo à prática esportiva infantil e juvenil fossem implantadas sem a exigência de que as crianças estivessem em escolas, ou que alcançassem boas notas, essas manteriam-se na escola e/ou com boas notas?

Estas observações não são uma crítica aos programas de apoio à prática esportiva. Tratam de aprofundamento em um tema contraditório que venho estudando desde o início deste trabalho: se o esporte é capaz de auxiliar no rendimento escolar de jovens carentes, por que outros esportistas e profissionais da área sofrem com o preconceito de serem menos inteligentes?

A resposta para esta pergunta com certeza esta ligada a dois fatores: a) valorização dos que pensam sobre os que fazem b) crença de que só aqueles que são sisudos e que não riem é que são *sérios*. Nestas visões os alunos-atletas, bem como todos os envolvidos com atividades esportivas ficam em

desvantagem, cabendo a estes o título de *pouco capazes intelectualmente*.

O posicionamento dos alunos-atletas e ex-atletas quanto aos seus rendimentos escolares foram similares. Ambos consideraram, em sua maioria, que as atividades esportivas não influenciam nem positiva, nem negativamente a vida escolar. Dentre estes, porém, ressaltou novamente relatos sobre o equilíbrio entre a dedicação aos estudos e aos esportes como sendo o ponto chave para a manutenção do rendimento escolar. Também coincidiram as opiniões daqueles que relataram que o esporte prejudicou suas notas. Para estes a justificativa variou entre cansaço físico e dedicação maior às atividades esportivas.

Quanto à análise quantitativa sobre as notas dos alunos-atletas, não se observou diferenças significativas entre as notas dos alunos-atletas e não-atletas em onze das doze turmas pesquisadas, ou seja, o rendimento escolar dos alunos independe da sua prática esportiva. O desempenho escolar inferior em uma única turma de alunos-atletas, não foi suficiente para sustentar a imagem de alunos “com muito músculo e pouco cérebro”. Esta análise confirma ser este tipo de pensamento e preconceituoso e isento de visão crítica aprofundada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além dos aspectos negativos do desporto escolar já apontados anteriormente neste estudo, concluo ao final da análise de dados, que foram detectados mais dois aspectos negativos para o desenvolvimento destas atividades. O primeiro deles é o fato do objetivo maior da existência das equipes esportivas por parte da direção, ser a divulgação da escola e não aspectos educativos relativos à formação dos alunos. O segundo, é o fato dos professores estarem objetivando prioritariamente a ascensão profissional e não a educação integral dos estudantes.

Estas atitudes acabam por direcionar o esporte escolar cada vez mais para o desporto de alto nível que, não acontece nas escolas estudadas, pela falta de recursos financeiros, humanos e operacionais, e não pela falta do objetivo de criar grandes atletas e equipes. Isto foi observado com clareza principalmente no depoimento dos técnicos.

É o esporte mais uma vez a serviço dos dirigentes e não a favor dos dirigidos. Dirigidos literalmente no momento em que é incutida em suas mentes a obediência incondicional às regras estabelecidas. Dirigidos, quando lhes é ensinada a importância do *vencer a qualquer custo*. Dirigidos, quando lhes é dada a orientação para realizarem ações *pouco licitas* com o objetivo de se ganhar o jogo e, até mesmo dirigidos, quando sua participação é condicional a determinadas ações.

Outro ponto muito importante que foi detectado é relativo a diferença dos objetivos dos alunos ao objetivos dos técnicos e diretores. Os primeiros almejam aquilo que o esporte sem fins de rendimento pode lhes oferecer: a amizade, o lazer, o movimento, o desafio. O esporte competitivo também pode lhes oferecer isto, mas trás junto consigo a técnica, a concorrência e a repetição. Como já afirmei no capítulo anterior, este pode ser um dos fatores que faz diminuir o número de participantes nas equipes. Ao invés destas atividades serem recrutadoras de um grande número de alunos, acabam tornado-se atividades para um grupo seletivo e de pequeno número. A escola acaba por promover uma atividade elitizada ao invés do desenvolvimento do gosto pela prática de atividades físicas com fins de lazer, de liberação de estresse e de melhorias no condicionamento físico a um grande número de alunos.

Ainda a respeito do pequeno número de participantes nas equipes, esta pesquisa permite concluir a importância fundamental do estímulo direto de familiares, amigos e professores para a participação em atividades esportivas e, o fato de que o gosto por estas atividades surge na maioria das vezes após o ingresso à elas e não anteriormente. Como sugestão aos professores de Educação Física atuantes nas escolas, proponho a realização de programas de atividades físicas e recreativas sem fins de obtenção de rendimento, capazes de movimentar um grande número de alunos, oportunizando a eles o envolvimento prático nas mais diversas modalidades esportivas.

Com esta sugestão pretendo demonstrar que meu posicionamento não é contrário à presença dos esportes na escola, mas sim à



forma como se vem desenvolvendo a prática esportiva no meio escolar, que, em minha opinião deve ser repensada não só pelos professores de Educação Física mas pelos próprios alunos, familiares, diretores, governantes e comunidade em geral. Este mesmo repensar vale para aqueles que se utilizam do esporte como um estímulo para manter alunos nas escolas com boas notas, para que também procurem levar a seus jovens a confraternização, a participação e o lazer, e não a competição e a busca do estrelato.

Finalizando com aquele que foi o objetivo principal da presente pesquisa, concluo que, apesar dos alunos estarem expostos aos aspectos positivos e negativos do desporto que poderiam exercer influência sobre seus rendimentos escolares, pode-se afirmar que não há diferenças significativas neste aspecto entre os alunos-atletas e não-atletas. Considero ser esta informação de grande valia por vários motivos. O mais imediato deles, é o esclarecimento de que aqueles alunos que muitas vezes são vistos como “os que nunca vão chegar a ser advogados ou médicos...” têm a mesma probabilidade de todos os outros, apesar da sua prática esportiva. O segundo motivo, é que o profissional da área de Educação Física deve ser respeitado e considerado capaz como um profissional de outra área qualquer, sem que se trace comentários como: “lendo um jornal é que ele não deve estar”. O terceiro e mais abrangente motivo, é talvez iniciar o processo de conscientização sobre a importância dos que fazem, sem a super-valorização daqueles que *somente* pensam. É uma pequena semente lançada num solo com a esperança de dar frutos um dia.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÁÚJO, J. M. *Ser campeão: sua utilidade social*. Lisboa: Caminho, 1980. p.15-26. (Nosso Mundo)

ARAUJO FILHO, N. P. *Carta em prol da dignidade e respeito ao professor de Educação Física: um, dois, três, quatro por quatro, o professor de Educação Física é um "pato"*. 1995?. não pag.

BENTO, J. O. *Dialética da Educação Física*. Porto: Associação dos Estudantes do I.S.E.F. [1981?] 85p.

BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista. In: ____ *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992a p.57-69.

BRACHT, V. A Educação Física escolar como campo de vivência social. In: ____ *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992b. p.57-69.

BRACHT, Valter. O esporte como conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física nas escolas de segundo grau. In: I ENCONTRO DE PROFESSORES



- DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS ESCOLAS TÉCNICAS FEDERAIS. 1995, Ouro Preto.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental - Educação Física*. Brasília: 1998. 114p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio. v.2, Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: 1999. 134p.
- BRUNO, L. Poder e administração no capitalismo contemporâneo. In: OLIVEIRA, D. A. (Org.) *Gestão democrática da educação*. Petrópolis: Vozes, 1997. p.15-45.
- CARMO, P. S. *A ideologia do trabalho*. 5.ed. São Paulo: Moderna, 1992. 88p. (Polêmica)
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998. 164p.
- DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1995. 293p.



DURKHEIM, E. A educação como processo socializador: função homogeneizadora e função diferenciadora. In: PEREIRA, L., FORACCHI, M. M. (Org.) *Educação e liberdade*. 5.ed. São Paulo: 1970.

FERREIRA, A. B. H. *Minidicionário da língua portuguesa*. 1.ed. 7.imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1977?] p. 364.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1994. 208p.

GIRALDELLI JÚNIOR, P. *Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira*. São Paulo: Loyola, 1991, 63p. (Coleção Espaço, 10).

HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. 243p.

LIMA, L. P. *Dicionário de psicologia prática*. São Paulo: Honor. [198-?]. vol.1, p.46.

LYRA FILHO, J. Cultura e desporto. In: ____ *Introdução à psicologia dos desportos*. Rio de Janeiro: Record, 1983. p.45-63.

MAGNANE, G. *Sociologia do esporte*. São Paulo: Perspectiva, 1969. p.79-104.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1990. 232p.

MEDINA, J. P. S.. *A Educação Física cuida do corpo...e "mente": bases para a renovação e transformação da Educação Física*. 4.ed. Campinas: Papirus, 1985. (Krisis)

MOREIRA, W. W. Educação Física escolar: a busca da relevância In: PICCOLO, V. L. N. (Org.) *Educação Física escolar: ser...ou não ter?* 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. p.15-27.

MORENO, A. Educação Física: de que profissão e de que profissional se fala?...com a palavra, professores e alunos. Rio de Janeiro, 1996. 179p. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

NEGRINE, A. GAUER, R. M. C. *Educação Física e desporto*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1990. p. 7-38, 57-97

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação.



Paraná: Construindo a Escola Cidadã. Documento elaborado pelo governo do estado a respeito do Projeto Construindo a Escola Cidadã. 1992.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. *Educação Física, uma proposta atual para 5ª a 8ª série*. Curitiba: 1994. 53p.

PONCE, A. *Educação e luta de classes*. 16.ed. São Paulo: Cortez, 1998. 196p.

SANTIM, S. *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí: Unijui, 1987. p.7-52.

SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico Crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.

SAVIANI, D. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. 30.ed. Campinas: Autores Associados, 1995. (Polêmicas de Nosso Tempo) 96p.

SETTINERI, L., RIES, B. E., TARGA, J. F. *Educação psicocinética: considerações bio-psico-didáticas para a Educação Física*. Porto Alegre: Sulina, 1979. p.79-107.



TUBINO, M. J. G. *Dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez, 1992. p.15-71.

VIEIRA, S., HOFFMANN, R. *Estatística experimental*. São Paulo: Atlas, 1989. 179p.

ANEXOS



ANEXOS

Anexo A - Questionário base para entrevistas com diretores.

- 01- Quais são os objetivos da escola em relação à formação de equipes desportivas?
- 02- Que tipo de investimentos são feitos nas equipes desportivas?
- 03- Quais são os benefícios que as equipes desportivas trazem para a escola?
- 04- Quais são os benefícios que a participação nas equipes desportivas traz para os alunos-atletas?
- 05- Defina um perfil do aluno atleta.
- 06- Fale sobre alunos-atletas X treinamento X rendimento escolar.



Anexo B - Questionário base para entrevistas com técnicos.

Modalidade:

Horas semanais de treinamento

Número de atletas que participam do treinamento

01- Quais são os objetivos no trabalho com as equipes desportivas?

02- Como é a forma de seleção para a participação?

03- Quais são os objetivos principais que são repassados para os alunos-atletas?

04- Que tipo de investimentos são feitos nas equipes?

05- O que você diria sobre os alunos-atletas e seu rendimento escolar?

06- Defina um perfil do aluno atleta.



Anexo C - Questionário base para entrevistas com alunos-atletas.

Modalidade:

Período em que está treinando:

Horas semanais de treinamento:

01- Por que participa de equipes desportivas?

02- Qual o motivo que os levou a participar de equipes desportivas?

03- Quais são os benefícios de participar nestas equipes?

04- Gostam de participar de jogos e competições? Por quê?

05- Como vão as notas? Por quê?

06- Gostam de estudar? Por quê?

07- Qual é o motivo que leva a escola a desenvolver um trabalho com equipes desportivas?

08- Você acha que a sua participação no esporte ajuda, atrapalha ou não influencia em sua vida escolar?



Anexo D - Questionário base para entrevistas com alunos ex-atletas.

Modalidade:

Período em que participou dos treinamentos:

Horas semanais de treinamento:

01- Por que participou de equipes desportivas?

02- Qual o motivo que o levou a participar de equipes desportivas?

03- Por que parou de participar destas equipes?

04- Gostava de participar de jogos e competições? Por quê?

05- Como eram as notas e o interesse pelos estudos na época em que participavam dos treinamentos? Eram melhores, piores ou iguais que agora que não participam das equipes? Por quê?

Anexo E - Total de notas bimestrais obtidas abaixo da média (TMB) no período e média de cada grupo.

Turma 1-A

	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo A)	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo NA)
Aluno-atleta A1	- 3	Aluno não-atleta NA1 - 13
Aluno-atleta A2	- 11	Aluno não-atleta NA2 - 26
Aluno-atleta A3	- 22	Aluno não-atleta NA3 - 18
Aluno-atleta A4	- 13	Aluno não-atleta NA4 - 31
Aluno-atleta A5	- 8	Aluno não-atleta NA5 - 0
Aluno-atleta A6	- 13	Aluno não-atleta NA6 - 25
Aluno-atleta A7	- 16	Aluno não-atleta NA7 - 26
Aluno-atleta A8	- 4	Aluno não-atleta NA8 - 9
Total	90	148
Média	90 / 8 = 11,25	148 / 8 = 18,50

Turma 2-A

	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo A)	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo NA)
Aluno-atleta A1	- 8	Aluno não-atleta NA1 - 30
Aluno-atleta A2	- 17	Aluno não-atleta NA2 - 6
Aluno-atleta A3	- 8	Aluno não-atleta NA3 - 23
Total	33	59
Média	33 / 3 = 11,00	59 / 3 = 19,67

Turma 3-A

	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo A)	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo NA)
Aluno-atleta A1	- 21	Aluno não-atleta NA1 - 9
Aluno-atleta A2	- 6	Aluno não-atleta NA2 - 2
Aluno-atleta A3	- 18	Aluno não-atleta NA3 - 2
Aluno-atleta A4	- 14	Aluno não-atleta NA4 - 6
Aluno-atleta A5	- 33	Aluno não-atleta NA5 - 2
Aluno-atleta A6	- 16	Aluno não-atleta NA6 - 18
Aluno-atleta A7	- 5	Aluno não-atleta NA7 - 22
Total	113	61
Média	113 / 7 = 16,14	61 / 7 = 8,71

Turma 4-A

	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo A)	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo NA)
Aluno-atleta A1	- 36	Aluno não-atleta NA1 - 37
Aluno-atleta A2	- 20	Aluno não-atleta NA2 - 23
Aluno-atleta A3	- 31	Aluno não-atleta NA3 - 31
Aluno-atleta A4	- 21	Aluno não-atleta NA4 - 34
Aluno-atleta A5	- 40	Aluno não-atleta NA5 - 34
Aluno-atleta A6	- 4	Aluno não-atleta NA6 - 27
Total	152	186
Média	$152 / 6 = 25,33$	$186 / 6 = 31,00$

Turma 5-A

	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo A)	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo NA)
Aluno-atleta A1	- 4	Aluno não-atleta NA1 - 40
Aluno-atleta A2	- 21	Aluno não-atleta NA2 - 26
Aluno-atleta A3	- 6	Aluno não-atleta NA3 - 19
Total	31	85
Média	$31 / 3 = 10,33$	$85 / 3 = 28,33$

Turma 6-A

	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo A)	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo NA)
Aluno-atleta A1	- 24	Aluno não-atleta NA1 - 33
Aluno-atleta A2	- 6	Aluno não-atleta NA2 - 25
Aluno-atleta A3	- 5	Aluno não-atleta NA3 - 34
Aluno-atleta A4	- 17	Aluno não-atleta NA4 - 15
Aluno-atleta A5	- 27	Aluno não-atleta NA5 - 43
Aluno-atleta A6	- 15	Aluno não-atleta NA6 - 28
Aluno-atleta A7	- 11	Aluno não-atleta NA7 - 8
Total	105	186
Média	$105 / 7 = 11,25$	$186 / 7 = 26,57$

Turma 7-B

	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo A)	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo NA)
Aluno-atleta A1	- 8	Aluno não-atleta NA1 - 17
Aluno-atleta A2	- 3	Aluno não-atleta NA2 - 3
Aluno-atleta A3	- 10	Aluno não-atleta NA3 - 1
Aluno-atleta A4	- 21	Aluno não-atleta NA4 - 12

	Aluno-atleta A5	-	31		Aluno não-atleta NA5	-	12
	Aluno-atleta A6	-	11		Aluno não-atleta NA6	-	16
	Aluno-atleta A7	-	0		Aluno não-atleta NA7	-	37
Total			84				98
Média		84 / 7	= 12,00			98 / 7	= 14,00

Turma 8-B

	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo A)				Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo NA)		
	Aluno-atleta A1	-	0		Aluno não-atleta NA1	-	0
	Aluno-atleta A2	-	15		Aluno não-atleta NA2	-	1
	Aluno-atleta A3	-	0		Aluno não-atleta NA3	-	17
	Aluno-atleta A4	-	0		Aluno não-atleta NA4	-	10
	Aluno-atleta A5	-	0		Aluno não-atleta NA5	-	11
	Aluno-atleta A6	-	0		Aluno não-atleta NA6	-	0
Total			15				39
Média		15 / 6	= 2,50			39 / 6	= 6,50

Turma 9-B

	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo A)				Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo NA)		
	Aluno-atleta A1	-	0		Aluno não-atleta NA1	-	5
	Aluno-atleta A2	-	0		Aluno não-atleta NA2	-	0
	Aluno-atleta A3	-	0		Aluno não-atleta NA3	-	13
	Aluno-atleta A4	-	0		Aluno não-atleta NA4	-	12
Total			0				30
Média		0 / 0	= 0			30 / 4	= 7,50

Turma 10-C

	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo A)				Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo NA)		
	Aluno-atleta A1	-	5		Aluno não-atleta NA1	-	18
	Aluno-atleta A2	-	1		Aluno não-atleta NA2	-	6
	Aluno-atleta A3	-	1		Aluno não-atleta NA3	-	8
	Aluno-atleta A4	-	2		Aluno não-atleta NA4	-	9
	Aluno-atleta A5	-	12		Aluno não-atleta NA5	-	19
Total			21				60
Média		21 / 5	= 4,20			60 / 5	= 12,00

Turma 11-D

	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo A)		Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo NA)	
	Aluno-atleta A1	- 16	Aluno não-atleta NA1	- 12
	Aluno-atleta A2	- 4	Aluno não-atleta NA2	- 1
	Aluno-atleta A3	- 21	Aluno não-atleta NA3	- 1
	Aluno-atleta A4	- 12	Aluno não-atleta NA4	- 0
Total	53		14	
Média	53 / 4	= 13,25	14 / 4	= 3,50

Turma 12-D

	Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo A)		Total de notas baixas obtidas no período – TNB (Grupo NA)	
	Aluno-atleta A1	- 12	Aluno não-atleta NA1	- 11
	Aluno-atleta A2	- 15	Aluno não-atleta NA2	- 2
	Aluno-atleta A3	- 12	Aluno não-atleta NA3	- 2
	Aluno-atleta A4	- 18	Aluno não-atleta NA4	- 0
	Aluno-atleta A5	- 14	Aluno não-atleta NA5	- 11
Total	71		26	
Média	71 / 5	= 14,20	26 / 5	= 5,20

Anexo F – Principais resultados da análise de variância das turmas pesquisadas.

Turma/Instituição	N. de repetições	Graus de liberdade			Valor de F
		Trat.	Res.	Tot.	
1-A	8	1	14	15	2,80 NS A=Ã
2-A	3	1	4	5	1,26 NS A=Ã
3-A	7	1	12	13	2,44 NS A=Ã
4-A	6	1	10	11	0,97 NS A=Ã
5-A	3	1	4	5	4,84 NS A=Ã
6-A	7	1	12	13	4,41 NS A=Ã
7-B	7	1	12	13	0,11 NS A=Ã
8-B	6	1	10	11	1,08 NS A=Ã
9-B	4	1	6	7	5,97 NS A=Ã
10-C	5	1	8	9	5,23 NS A=Ã
11-C	4	1	6	7	4,53 NS A=Ã
12-D	5	1	8	9	11,60 * A>NÃ

NS= não existem diferenças significativas entre as médias dos alunos.

* = as diferenças entre as médias dos alunos são significativas.

Anexo G – Fontes

Pesquisa de Campo – Entrevistas

Diretores A, B, C, D, E e F de escolas públicas e particulares da cidade de Pato Branco - PR. Entrevista oferecida à pesquisadora. Fitas “Diretores” n.º 1 e 2 em poder da pesquisadora. Pato Branco – PR, 1999.

Técnicos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 de escolas públicas e particulares da cidade de Pato Branco - PR. Entrevista oferecida à pesquisadora. Fitas “Técnicos” n.º 2, 3, 4, 5 em poder da pesquisadora. Pato Branco – PR, 1999.

Alunos-atletas 3-A, 5-A, 8-A, 12-A, 13-A, 16-A, 17-B, 19-B, 21-B, 22-B, 23-B, 24-B, 25-B, 27-B, 28-B, 31-B, 32-C, 34-C, 37-C, 38-D, 40-D, 41-D, 42-D, 44-D e 45-D de escolas públicas e particulares de Pato Branco. Entrevista oferecida à pesquisadora. Fitas “Atletas” n.º 1, 2, 3, 4 e 5, em poder da pesquisadora. Pato Branco – PR, 1999.

Alunos Ex-atletas 1-Ex A, 3-Ex A, 4-Ex A, 5-Ex A, 8-Ex A, 10-Ex A, 13-Ex B e 14-Ex B.



Anexo II - Entrevistas com Diretores - Diretor A

Data: 05/11/99

Local: Sala da Direção da Escola A

Horário: 16h

Fita Diretores 1

- 1- Quais os seus objetivos da escola em relação à formação de equipes desportivas?
 - Os objetivo mais importante até, é a interação maior do aluno com a escola. Ele passa a viver mais a escola, a ter um relacionamento maior com a escola além dos bancos da sala de aula. Este é um primeiro ponto, no aspecto da relação aluno-escola. O segundo é o aspecto de divulgação da Instituição também, que passa a ser um cartão de visita da própria instituição. Em alguns casos, já mais restritos, até alguns atletas que passam a se tornarem profissionais. Muito poucos, mas já houveram casos.
 - Por que o esporte como cartão de visita?
 - Porque basicamente é algo mais que você pode ter de oferecimento ao aluno, é um algo mais que você oferece à formação do aluno no aspecto mais pessoal. Você quando tem um atleta, provavelmente ele vai ter um maior condicionamento físico, vai se cuidar mais, vai aprender a ter mais disciplina até mesmo em função do treinamento de horários, etc. Vai ter um comportamento mais sociável, porque vai ter uma interação maior entre o grupo, com a busca de um objetivo comum. Ele pode ser um cartão de visita neste aspecto: que a escola pode oferecer um algo mais com a prática esportiva. O aluno pode usufruir mais coisa dentro da escola, não só na sua área específica de formação técnica, mas alguma coisa mais para sua formação pessoal.
- 2- Que tipo de investimentos são feitos nas equipes desportivas?
 - Basicamente, quando tem alguma competição, é viabilizar a participação nesta competição. Inscrição, transporte, alimentação.
- 3- Quais são os benefícios que a participação nas equipes desportivas traz para a escola?
 - Interação dos alunos com a escola. Eles passam a ser uns alunos mais próximos ou de mais fácil acesso, na maioria dos casos. E o outro é a divulgação da escola neste aspecto de cartão de visita, que você pode dizer que o aluno tem uma formação além do que estaria só nas cadeiras de sala de aula.
- 4- Quais são os benefícios que a participação nas equipes desportivas traz para os alunos-atletas?
 - Sociabilidade, trabalho em equipe. Ele deixa de ser individualista. Vai ter que ter objetivos, regras, metodologia, organização, porque senão não atinge o resultado. Além do aspecto físico, que ele vai ter um condicionamento muito mais apropriado.



5- Defina um perfil dos alunos-atletas?

- Primeira coisa na escola hoje, aqui na nossa situação, se for observar o perfil no aspecto social, com certeza são de classes mais favorecidas. Porquê, primeiro ele vai ter que ter um treinamento no contra turno, o que gera despesa. Tem estar estudando durante o dia, não pode ser um aluno do noturno que trabalhe o dia inteiro. Então o primeiro perfil já é uma digamos assim, é... a prática esportiva de equipe ela não é igual, em igualdade de oportunidade para todo mundo. Dentro desse grupo que pratica é praticamente todos o mesmo perfil. Eles são extrovertidos, disponibilidade de horário, nem sempre com bom desempenho em sala de aula. Tem um perfil meio característico.

6- Fale sobre alunos-atletas X treinamento X rendimento escolar.

- O que tem que ficar bem claro é o perfil da instituição. O que você pretende com a equipe, com o atleta, com a modalidade. O objetivo base da instituição é formação, então, toda essa situação do aluno ser atleta, de participar de uma equipe tem que servir para completar a formação. Ela não é objetivo por si só. Não dá para imaginar que um aluno com baixo rendimento, que ele continue dentro de uma equipe. A participação na parte esportiva tem que servir para fortalecer a melhoria no seu rendimento. Portanto, toda a parte de treinamento que ele vai ter que fazer para a parte esportiva não deve primeiro, ser nos horários das disciplinas, que venham a prejudicar o seu rendimento. As próprias competições elas tem que ser bem determinadas para que o aluno não perca muitas aulas. Condição de permanência na equipe tem que estar à um escore mínimo de rendimento. Tem que ter um acompanhamento em função do objetivo de formação, senão você vai forçar e esse aluno acaba ficando na escola para ser atleta.

Anexo I – Entrevistas com Técnicos - Técnico 1

Data: 28/09/99

Local: Residência do entrevistado

Horário: 21h35min

Fita Técnicos 5 A

Modalidade: voleibol feminino

Horas semanais de treinamento: 6 horas

Número de atletas: 12

1- Quais são seus objetivos no trabalho com as equipes desportivas?

- Olha, as competições que tem. Jogos Escolares, Jogos da Juventude e campeonatos que porventura a gente seja convidado. Procuramos fazer um trabalho que tenha um rendimento na parte técnica e parte psicológica também do atleta, sem esquecer que ele é um aluno também na escola. E, a gente visa as competições, para ganhar.
- Por quê?
- Porque é uma motivação. Nenhum atleta, já que estão ali para treinar, vai treinar por treinar. Tem que ter um objetivo e o objetivo é uma competição, e, o objetivo da competição é ganhar.
- E qual seria o objetivo da escola?
- Eu acredito que seja incentivar o aluno a ter uma atividade extra curricular e também o marketing do colégio. Ajuda a divulgar o nome do colégio.

2- Como é a forma de seleção para a participação?

- Primeiro a gente passa de sala por sala e convida todos os alunos a participarem dos treinamentos. A partir daí a gente faz um peneirão. Se tem bastante alunos interessados no treinamento a gente faz o peneirão. Nesse peneirão a gente vê pelo índice técnico. A minha parte, a equipe A, tem que ter uma noção básica do voleibol. Os fundamentos básicos têm que estar mais preparados. Pela idade também, na equipe A são as mais velhas. Se ele for muito fraquinho tem escolinha dentro do colégio, numa categoria menor.
- Mas se ele for mais velho?
- Se ele for mais velho e não souber, se tiver poucos atletas ele permanece, senão fica fora da equipe.

3- Quais são os objetivos principais que são repassados para os alunos-atletas?

- Primeiramente a gente monta a equipe e explica que tem competições em que a gente vai competir pela escola levando o nome do colégio, sem esquecer o estudo, porque se ele estiver mal de notas ou na parte disciplinar, também é bastante cuidada, então ele é cortado da equipe. Então as duas coisas funcionam junto, o estudo e os treinamentos. São repassados, disciplina, técnicas fundamentais que tem que ser aplicadas em treinamento, não pode ser dispersivo.
- Mas por exemplo, que você diz para o atleta.

- Para participar das competições, principalmente os escolares, que é interesse do colégio e paralelo os que a gente é convidado. Permanece quem melhor evolui.
- 4- Que tipo de investimentos são feitos nas equipes?
- Como o colégio investe no professor, no profissional, porque é extra curricular.
 - Você não dá aulas lá, só treina.
 - Só treino. Então é um extra curricular que o colégio oferece. Este é o investimento dele. É lógico que se tiver amistosos o colégio também propõe transporte, alimentação as vezes, taxa de inscrição e uniforme.
- 5- O que você diria sobre os alunos-atletas e seu rendimento escolar?
- Depende de cada aluno. Eu já fui também aluna, já fiz faculdade, estudante de 1º e 2º grau e era atleta, não deixava de fazer nenhuma das funções. Eu acho que dá. Quem quer ser alguma coisa na vida e ser atleta consegue conciliar as duas coisas. Hoje em dia eu acho que, ... as alunas elas têm, algumas, não é todas, elas colocam o estudo em primeiro lugar porque o esporte, principalmente em nossa região, não dá mais sustento digamos assim. A gente não sobrevive mais com o esporte. Então, primeiramente eles pensam no estudo e não no esporte.
 - Algumas, não todas. Em percentuais?
 - Digamos que 60, 70% preferem estudar, faltar treino e estudar. Ultimamente está assim.
- 6- Defina um perfil do aluno atleta.
- Eu acho que eles estão mais ativos, críticos, bastantes impulsivos também, mais cuidadosos a respeito do corpo, da parte social também. Acredito que eles vêm de outra forma, porque na sociedade eles se comportam, mediante que também que na parte atlética todo mundo conhece ele. Então ele é visto como aluno-atleta e não só na parte... na sociedade todo mundo já sabe, ele é atleta do [colégio], não é a pessoa, ... ela é a atleta [do colégio], ele joga voleibol no [do colégio]. Então os alunos-atletas são vistos na sociedade, são vistos, são respeitados também na região e, de uma forma geral os alunos atletas são bem mais espertos de uma forma geral. Sempre procurando novidades, e se empenhando nas coisas que faz. São mais, não briguentos, mas os professores cobram mais porque eles as vezes faltam porque vão para jogos, saem da sala de aula. São mais visados.

Anexo J – Entrevistas com alunos-atletas - Aluno-atleta 03 A

11/06/99

Fita Atleta 1 Lado B

Futebol de Campo

- 1- Porquê você participa de equipes desportivas?
 - Ha, eu participo porque eu gosto de jogar, né. Sempre joguei, meu pai jogou, meu irmão joga, e eu sempre gostei de jogar. É um lazer né.
- 2- Então você que este foi o motivo que os levou a participar de equipes desportivas?
 - Ha, eu ficava muito parado, não tinha nada que fazer, daí eu comecei a jogar, ficava só em casa.
 - Ai te convidaram?
 - Me convidaram para jogar e eu fui.
- 3- Quais são os benefícios de participar destas equipes?
 - Você vai ter mais habilidade, mais condicionamento físico, ter mais... sei lá, mas saúde não né. Não, vai ter mais saúde pois vai exercitar o corpo.
 - Mais algum benefício que você acha que você tem?
 - Não, só isso.
- 4- Gosta de participar de Jogos e competições? Por quê?
 - Gosto.
 - Por quê?
 - É muita emoção jogando lá. A torcida. Eu gosto.
 - Estar participando, representando o colégio, competição, sei lá.
- 5- Como vão as notas? Por quê?
 - Vão bem. Só tenho duas abaixo de sete. É mais ou menos, não tão bem, tá médio.
- 6- Gosta de estudar? Por quê?
 - Não muito. Gosto um pouco.
 - Gosta ou não gosta? Ou mais ou menos?
 - Mais ou menos.
 - Por quê?
 - Preguiça de estudar.
- 7- Qual é o motivo que leva a escola a desenvolver um trabalho com equipes desportivas?
 - Ha, acho que a escola participa para mostrar que esta participando, dando o seu nome lá. Sei lá, ou a escola está mostrando que está, como é que é? Que está trabalhando com seus alunos, com esporte, sei lá.



8- Você que a participação em equipes desportivas atrapalha, ajuda ou não influencia no rendimento escolar?

- Pra mim não atrapalha.
- Não atrapalha?
- Não atrapalha. Nem um pouco.
- Ajuda ainda. Eu fico mais...não fico tanto parado.
- Você fica mais disposto?
- Fico mais disposto.

Anexo L – Entrevistas com alunos ex-atletas - Aluno ex-atleta 01 Ex A

11/06/99

Fita Atleta 1 Lado B

Handebol

- 1- Por que você participava de equipes desportivas?
 - Por que eu gosto de jogar handebol?
 - Mas porquê gostar de jogar handebol?
 - Ha, eu não sei por quê. Desde a minha quinta série que eu treino handebol, eu sempre gostei. Eu nunca me importei por outro tipo de esporte. Eu sempre gostei de jogar handebol. Não sei qual é motivo exato disto, mas, para mim é isso. Gostava.
- 2- Qual o motivo que levou você a participar dessas equipes desportivas?
 - Daqui do CEFET foi por causa que no primeiro ano eu morava na pensão, e as meninas que moravam comigo treinavam handebol. Aí um dia, no primeiro dia de treino do ano, eu fui com elas. Aí o Fasolin me fez treinar, comecei a jogar e fiquei.
- 3- Por que você parou de participar destas equipes?
 - Porque começou a sobrecarregar os trabalhos agora, e aí fica difícil de continuar treinando, né. E também quase todas as noite eu estou aqui no colégio fazendo desenhos, terminando trabalhos, coisas assim, daí fica difícil treinar, porque os treinos são das seis à oito, né. Aí fica ruim para mim. E também porque meu pai me, tipo assim, ele me cortou os embalo de jogar por causa das minhas notas, né. Ele dizia que estava me prejudicando, e eu acho que estava, por que eu também né, por causa dos Jogos, a gente ia bastante para Jogos. Aí eu sempre, ou entregava trabalho atrasado ou antes e não terminava direito. Ficava tudo meio assim, né. Acho que é por isso. Esse é o básico do que eu parei de treinar mesmo.
- 4- Quais são os benefícios de participar destas equipes?
 - Você vai ter mais habilidade, mais condicionamento físico, ter mais... sei lá, mas saúde não né. Não, vai ter mais saúde pois vai exercitar o corpo.
 - Mais algum benefício que você acha que você tem?
 - Não, só isso.
- 5- Gosta de participar de Jogos e competições? Por quê?
 - Gostava.
 - Por quê?
 - Ha, por que lá você, tipo assim... Você tinha que... Como é que eu te explicar? Primeiro você tinha que ter mais, bem mais responsabilidade. Você conhecia pessoas novas, conhecia gente nova, conhecia cidades novas. Festa também né!. Quem não faz festa em Jogos, né?. Vou ser bem sincera agora.

Acho que foi isso, né. Eu mais gostava de ir por causa disso, né.

- Conhecer?

- Conhecer e fazer festa (riso). Estar participando, representando o colégio, competição, sei lá.

6- Como eram as notas na época em que participava dos treinamentos? Eram melhores, piores ou iguais que agora não participa das equipes? Por quê?

- Antes eu tinha tipo assim, três ou quatro notas sempre abaixo da média. Agora, esse ano que eu parei até agora não tenho nenhuma nota abaixo da média, né. No caso, estava, entra aspas, me prejudicando, né.

- Por que que você acha que prejudica? Você acha que o fator por exemplo é tempo, ou, ele te desanima, ou ...

- A gente treinava todos os dias. E eu antes de ir para o treino, nunca estudava. Quando voltava, eu chegava muito cansada do treino, a única coisa que você queria era cair na cama e dormir. Aí estudar também não ia, né. Ou você começava a estudar também e dormia em cima dos livros, não tinha força de vontade para estudar. Eu era uma dessas aí, né, que eu não tinha mesmo vontade de estudar quando eu ia treinar. Quando eu não ia, eu estudava o dia inteiro. Quando tipo assim, eu falava, não, hoje eu não vou treinar para estudar, eu pegava os cadernos e estudava. Quando eu falava, não, hoje eu vou treinar, aí eu ia pro treino e deixava os estudos que...(riso) aí eu não estudava nada. Nem pegava o caderno na mão. E este ano tá diferente. Eu já tô mais, como é que eu posso dizer, estou mais dedicada aos estudos. Acho que é por que meu pai me pressionou também, já ajudou um pouco pra mim estudar mais.

7- Existe alguma diferença quanto ao interesse pelos estudos entre os períodos que participava das equipes desportivas e agora? Por quê? Esta também praticamente já está respondida. Tem alguma coisa para complementar?

- Acho que não tem mais nada, já foi tudo.



VIACELLI, S. *Desporto and school revenue: a critical glance about basic relationships* Marília, 2000. 114p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Câmpus de Marília, Universidade Estadual Paulista – UNESP.

ABSTRACT

The sporting practice has been presenting two contradictory characteristics at the present time: the use of the sport as a incentive to the studies and the prejudice suffered by professionals from the Physical Education area, as well as athletes and people involved with the world of the sports related to its intellectual capacities. In order of trying to unmask the reality about referred subjects, the research took place from public and private high school from Pato Branco city, where interviews were accomplished with directors, technicians and students, besides collection of marks through school registrations of these teaching establishments. With the information obtained through these marks, statistical analyses were accomplished in order to verify the existence of significant differences between the student-athletes marks and no-athletes, characterizing this way the best or worse school revenue. The obtained data allowed us conclude that in 91.7% of the studied groups, there aren't significant differences. The main objectives of the existence of sport teams in the schools, it was also conclude through this research. the school marketing and the technicians' professional projection were the objectives that were firm as being the main ones.

Keywords: School sport; School revenue; Student-athletes; Students no-athletes.



